

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O CONSUMO DE MATERIAIS SEXUALMENTE
EXPLÍCITOS E O SEU IMPACTO NA SATISFAÇÃO
SEXUAL E COM A RELAÇÃO CONJUGAL**

Camila de Magalhães Ribeiro Júdice Halpern

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O CONSUMO DE MATERIAIS SEXUALMENTE
EXPLÍCITOS E O SEU IMPACTO NA SATISFAÇÃO
SEXUAL E COM A RELAÇÃO CONJUGAL**

Camila de Magalhães Ribeiro Júdice Halpern

Dissertação orientada pelo Professor Doutor João Manuel Rosado de Miranda Justo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2018

Agradecimentos

Apesar de estas serem as primeiras palavras a ser lidas, foram as últimas a ser escritas. É difícil agradecer a alguém a quem nos sentimos constantemente agradecidos.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Doutor João Justo por permitir a concretização desta investigação e pela disponibilidade incondicional que revelou ao longo de todo este percurso.

Aos meus pais e ao Filipe, muito obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio constante neste período, por me terem transmitido o amor ao conhecimento, pelo que está mais além.

Ao meu querido Bernardo, um profundo obrigada, pelo amor, apoio e amizade.

À Ana, obrigada por me ter ajudado a crescer ao longo destes últimos anos e por me ter feito compreender que, por vezes, os nossos obstáculos são apenas moinhos de vento, não gigantes.

A todos, um sincero obrigada.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender a relação que existe entre o consumo de materiais sexualmente explícitos (MSE) e a satisfação sexual e com a relação conjugal de indivíduos envolvidos em relações amorosas, considerando também variáveis sociodemográficas, da vida amorosa e sexual dos participantes, da relação com o/a parceiro/a atual, assim como variáveis do consumo de MSE. Participaram 128 indivíduos (52 homens e 76 mulheres) com idades compreendidas entre os 19 e os 54 anos. Foram utilizados cinco instrumentos: um questionário sociodemográfico para recolha de dados sociodemográficos, da vida amorosa e sexual do participante e da relação atual com o parceiro; Questionário de Consumo de Materiais Sexualmente Explícitos (QCMSE); Questionário sobre Atividade Sexual (QAS); Escala de Avaliação da Relação (RAS) e Inventário de Satisfação Sexual de Golombok-Rust (GRISS).

Os resultados, através das análises de regressão linear múltipla, mostraram que existe um impacto do consumo de MSE na satisfação sexual masculina, mas não na satisfação sexual feminina. A satisfação com a relação não foi afetada pelo consumo de MSE em homens e mulheres. Nos homens, a satisfação sexual constituiu-se não só como variável dependente mas, também, como variável preditora de um maior consumo de MSE, uma vez que foram observadas capacidades explicativas nos dois sentidos. Diferenças de género importantes foram também encontradas através da comparação de médias com o teste Qui-Quadrado. Quando comparados com as mulheres, os homens consomem MSE com uma frequência superior, fazem-no de forma mais solitária e apresentam maiores probabilidades de considerar o seu consumo excessivo.

Palavras-chave: Materiais sexualmente explícitos, pornografia, satisfação sexual, satisfação com a relação, sexualidade.

Abstract

The present study aims to examine the relationship between the use of sexually explicit materials (SEM) and sexual and relationship satisfaction in individuals involved in romantic relationships. Variables related to sociodemographic data, to participants' romantic and sexual life, to the relationship with the current partner and to SEM use were considered. To this end, 128 participants (52 men and 76 women) from a Portuguese sample, with ages ranging from 19 to 54 years old, filled online a sociodemographic questionnaire, the Questionnaire of Sexually Explicit Materials Use (QSEMU), the Questionnaire of Sexual Activity (QAS; Vilarinho & Nobre, 2006), the Portuguese version of the Relationship Assessment Scale (Santos, Brites, & Baptista, 2004), and the Portuguese version of the Golombok Rust Inventory of Sexual Satisfaction (Vilarinho, 2010; Vilarinho & Nobre, 2006).

Through multiple linear regression analysis, a more frequent use of SEM was found to be a predictor of male sexual dissatisfaction, but not female. Male's and female's relationship satisfaction were not predicted by a more frequent use of SEM. For men, sexual dissatisfaction was found to be not only the dependent variable, but also a predictive variable of a more frequent SEM use, since explanatory effects were found both ways. Significant gender differences were also found in SEM's use patterns, using Chi-Square analysis. When compared to women, men are more likely to use SEM more frequently, in a more solitary way and to report using it excessively ($p < .001$).

Key-words: Sexually explicit materials, pornography, sexual satisfaction, relationship satisfaction, sexuality.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1. Enquadramento Teórico.....	2
1.1 Os materiais sexualmente explícitos (MSE).....	2
1.1.1 Efeitos do consumo de MSE.....	3
1.1.2 Preditores e padrões de consumo de MSE.....	4
1.1.2.1 Preditores do consumo de MSE.....	4
1.1.2.2 Motivos de consumo de MSE e consumo solitária vs. em conjunto.....	5
1.2 O impacto do consumo de MSE na satisfação sexual e com a relação: Teorias explicativas.....	7
1.2.1 Teoria da Comparação Social.....	7
1.2.2 Teoria dos Scripts Sexuais.....	8
1.2.3 Teoria da Objetificação.....	8
1.2.4 Modelo de Investimento.....	9
1.2.5 Teoria da Vinculação.....	10
1.3 Satisfação sexual.....	11
1.3.1 O conceito de satisfação sexual.....	11
1.3.2 Satisfação sexual e consumo de MSE.....	12
1.4 Satisfação com a relação.....	14
1.4.1 O conceito de satisfação com a relação.....	14
1.4.2 Satisfação com a relação e consumo de MSE.....	14
1.5 Variáveis moderadoras dos efeitos do consumo de MSE na satisfação sexual e na satisfação com a relação.....	16
1.5.1 Género.....	16
1.5.2 Frequência do consumo.....	17
1.5.3 Motivos de consumo de MSE e consumo solitário vs. conjunto.....	17

1.5.4 Grau de compromisso da relação e tempo de relacionamento	19
1.5.5 (Des)conhecimento do padrão de consumo do parceiro	19
1.5.6 Perceção de consumo excessivo no parceiro	20
1.5.7 Idade do primeiro contacto com MSE	20
1.5.8 Satisfação sexual e satisfação com a relação	21
Capítulo 2. Objetivos e Hipóteses	23
2.1 Objetivos	23
2.2 Hipóteses gerais	23
2.3 Hipóteses específicas	23
Capítulo 3. Metodologia	25
3.1 Definição de variáveis	25
3.2 Instrumentos.....	25
3.2.1 Questionário Sociodemográfico	25
3.2.2 Questionário de Consumo de Materiais Sexualmente Explícitos (QCMSE) ..	26
3.2.3 Questionário sobre Atividade Sexual (QAS)	26
3.2.4 Inventário de Satisfação Sexual de Golombok-Rust (GRISS).....	27
3.2.5 Escala de Avaliação da Relação (RAS)	30
3.3 Procedimento	31
Capítulo 4. Resultados.....	32
4.1 Caracterização da amostra	32
4.2 Análise estatística	37
4.3 Testagem das hipóteses gerais	37
4.3.1 Testagem de HG1	37
4.3.2 Testagem de HG2.....	39
4.4 Testagem das hipóteses específicas	40
4.4.1 Testagem de HE1	40
4.4.2 Testagem de HE2	41

4.4.3 Testagem de HE3	41
4.4.4 Testagem de HE4	42
4.4.5 Testagem de HE5	43
4.4.6 Testagem de HE6	43
4.4.7 Testagem de HE7	45
Capítulo 5. Discussão	46
Capítulo 6. Conclusão	52
Referências Bibliográficas.....	54

Índice de Quadros

Quadro 1: Análise de consistência interna das subescalas do GRISS	29
Quadro 2: Caracterização sociodemográfica dos participantes	32
Quadro 3: Tempo de relacionamento e coabitação (meses) dos participantes por estatuto conjugal	34
Quadro 4: Consumo de MSE no último mês em função das variáveis sociodemográficas dos participantes	36
Quadro 5: Regressão linear múltipla para testagem da Hipótese Geral 1 (Homens)	38
Quadro 6: Regressão linear múltipla para testagem da Hipótese Específica 6 (Homens)	44

Índice de Anexos

Anexos relativos à Metodologia

Anexo I: Questionário Sociodemográfico

Anexo II: Questionário de Consumo de Materiais Sexualmente Explícitos (QCMSE)

Anexo III: Questionário sobre Atividade Sexual (QAS; Vilarinho & Nobre, 2006)

Anexo IV: Inventário de Satisfação Sexual de Golombok-Rust (GRISS; versão de Vilarinho, 2010)

Anexo V: Escala de Avaliação da Relação (RAS; versão de Santos, Brites & Baptista, 2004)

Anexo VI: Folha de Informação ao Participante

Anexo VII: Declaração de Consentimento Informado

Anexos relativos à Análise Estatística

Anexo VIII: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HG1 (Mulheres)

Anexo IX: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HG1 (Homens)

Anexo X: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HG2 (Mulheres)

Anexo XI: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HG2 (Homens)

Anexo XII: Testagem de HE1

Anexo XIII: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HE4

Anexo XIV: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HE5

Anexo XV: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HE6 (Mulheres)

Anexo XVI: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HE6 (Homens)

Anexo XVII: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HE7 (Mulheres)

Anexo XVIII: Análise de regressão linear múltipla para testagem de HE7 (Homens)

Introdução

Diversos estudos têm procurado determinar as bases das relações felizes e bem-sucedidas, assim como identificar os fatores que podem conduzir ao seu término (Simpson & Campbell, 2013, citado por Campbell & Kohut, 2017). Um dos fatores que tem gerado um número crescente de investigações é o consumo de pornografia (Campbell & Kohut, 2017). Para o presente estudo, o termo pornografia será utilizado de forma intermutável com o de materiais sexualmente explícitos (MSE) (Minarcik, Wetterneck, & Short, 2016).

Este número crescente de investigações tem sido motivado pelo maior consumo e acesso a este tipo de materiais, em parte devido à maior oferta e anonimato fornecidos pela Internet (e.g., Cooper, 1998; Daneback, Træen, & Månsson, 2009; Short, Black, Smith, Wetterneck, & Wells, 2012), bem como ao facto de se misturarem na publicidade, arte, telediscos ou programas de televisão (Daneback et al., 2009). Em particular, Cooper (1998) descreve a popularidade da pornografia na Internet como derivada por um efeito de três características, que define como “*Triple-A Engine*”: disponibilidade (*Access*), comportabilidade (*Affordability*) e anonimato (*Anonymity*). Harper e Hodgins (2016), expandindo as características de Cooper (1998), incluem a característica da novidade, que se refere à quantidade e diversidade de materiais pornográficos disponíveis na Internet.

Neste sentido, surge a pertinência de compreender de que forma os MSE podem influenciar os relacionamentos amorosos, de que forma podem ser usados no âmbito da relação conjugal, como e por que motivos, e o que caracteriza aqueles que os utilizam ou não. Em particular, de que forma o consumo de MSE pode afetar a satisfação sexual e com a relação conjugal. Estas variáveis estão no âmago da presente dissertação.

Capítulo 1. Enquadramento Teórico

1.1 Os materiais sexualmente explícitos (MSE)

Na investigação realizada até à data, têm sido identificadas diversas dificuldades em extrair conclusões sólidas relativamente às associações entre o consumo de MSE e os processos e/ou impactos relacionais decorrentes (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Campbell & Kohut, 2017; Short et al., 2012).

Uma dificuldade prende-se com a definição do próprio conceito de pornografia. Ao longo das últimas décadas, várias definições conceptuais do termo, parcialmente sobrepostas e muitas vezes contraditórias, têm sido oferecidas e adaptadas (Short et al., 2012; Kohut, 2014; ver Rasmussen, 2016), o que se prende com o facto de a pornografia ser um fenómeno socialmente construído que contém significados dependentes da cultura e do tempo em que se insere, tal como diferentes compreensões do seu significado a nível individual (Carroll, Busby, Willoughby, & Brown, 2017; Kohut, 2014; Campbell & Kohut, 2017; Poulsen, Busby, & Galovan, 2013).

Por considerar que a falta de acordo na definição do conceito impede a obtenção de resultados sólidos relativos aos efeitos da pornografia, Kohut (2014), através de uma análise de conteúdo, mostrou que as representações mentais de pornografia entre indivíduos se vinculam fortemente a representações de nudez e comportamento sexual. Define então a pornografia enquanto representações escritas, pictóricas ou audiovisuais que retratam nudez ou comportamento sexual, com o objetivo de provocar excitação sexual no utilizador. Esta será a definição adotada na presente investigação.

Por outro lado, muita da investigação que concerne aos efeitos do uso de MSE nas relações de casal assume, avalia e confirma que estes têm um efeito pernicioso nas mesmas (e.g., Carroll et al., 2008; Morgan, 2011; Zillmann & Bryant, 1988b; Zitzman & Butler, 2009). A adoção de uma perspetiva focada no dano ao iniciar um estudo coloca limitações críticas no que pode ser aprendido acerca do impacto típico da pornografia no casal (Kohut et al., 2016; Poulsen et al., 2013), sendo que as investigações que assumem que os MSE são danosos para as relações irão confirmar ou falhar em confirmar estes efeitos negativos e dir-nos-ão pouco acerca da ocorrência de efeitos neutros ou positivos que possam também ser experienciados (e.g., Kohut, Fisher, & Campbell, 2016).

1.1.1 Efeitos do consumo de MSE

Enquanto a investigação nesta área se encontra em maturação em termos de amostras, medidas e sofisticação da análise (Carroll et al., 2017), têm sido apontados diversos problemas associados ao consumo de pornografia, em especial ao uso frequente ou à exposição precoce (Daspe, Vaillancourt-Morel, Lussier, Sabourin, & Ferron, 2017).

A título de exemplo, os estudos que abordam os padrões individuais de consumo têm demonstrado que padrões de consumo mais frequente se associam a um maior envolvimento em comportamentos sexuais de risco (Harkness, Mullan, & Blaszczyński, 2015), prejuízos ao nível do desempenho académico, profissional e pessoal (Cooper, Putnam, Planchon, & Boies, 1999) ou diminuição da satisfação com a vida (Willoughby, Young-Petersen, & Leonhardt, 2018). A estes estudos contrapõem-se aqueles que observaram que o consumo de MSE se pode associar a efeitos positivos, sendo que a vasta maioria dos utilizadores percebe este consumo sendo maioritariamente positivo (Hald & Malamuth, 2008; Harper & Hodgins, 2016; Kohut et al., 2016). Os efeitos positivos reportados incluem alívio do stress, decréscimo do aborrecimento, aumento do conhecimento sexual, melhoria da vida pessoal e sexual (Cooper, Galbreath, & Becker, 2004; Hald & Malamuth, 2008; Paul & Shim, 2008).

O consumo de pornografia entre indivíduos envolvidos em relações românticas também é comum, oferecendo oportunidades para a gratificação sexual mútua (Bridges & Morokoff, 2011). No entanto, da investigação limitada que se foca nas associações entre a exposição a pornografia e os processos relacionais diádicos, a evidência empírica tem-se revelado pouco conclusiva, com os resultados sugerindo influências tanto negativas como positivas do uso de pornografia nas relações românticas (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Daneback et al., 2009; Kohut et al., 2016).

Tanto em contexto experimental como em estudos correlacionais, diversos efeitos positivos têm sido identificados, tais como um aumento da competência sexual percebida, maior desejo de união do casal (Staley & Prause, 2013), maior permissividade das atitudes sexuais (Mann, Sidman, & Starr, 1973), aumento da atividade sexual (e.g., Grov, Gillespie, Royce, & Lever, 2011; Mann et al., 1973), da excitação (Grov et al., 2011; Staley & Prause, 2013), do desejo e da atividade de fantasias sexuais (Schmidt & Sigusch, 1970), maior abertura da comunicação (Daneback et al., 2009; Grov et al., 2011; Kohut et al., 2016), aquisição e imitação de comportamentos sexuais prazerosos em mulheres e transposição destes para a relação sexual com o parceiro (Kohut & Fisher, 2013), maior

atenção aos desejos sexuais do parceiro ou enquanto parte importante da manutenção do interesse sexual em relações a longo-prazo (McKee, Albury, & Lumby, 2008, citado por Rasmussen, 2016).

Potenciais ameaças para os relacionamentos incluem um aumento de sentimentos negativos entre parceiros (Groves et al., 2011; Kohut et al., 2016; Stack et al., 2014), atitudes positivas face ao sexo casual (Carroll et al., 2008; Morgan, 2011; Zillmann & Bryant, 1988b), redução do compromisso com o relacionamento, atitudes positivas face à infidelidade e maior envolvimento em comportamento sexual extraconjugal (e.g., Lambert, Negash, Stillman, Olmstead, & Fincham, 2012; Zitzman & Butler, 2009); criação de expectativas irrealistas no domínio da sexualidade (Morgan, 2011), diminuição da satisfação com as características sexuais dos parceiros (e.g., afeto, aparência física, curiosidade e desempenho sexual) (Groves et al., 2011; Kenrick, Gutierrez, & Goldberg, 1989; Zillmann & Bryant, 1988b), preferência da excitação sexual provocada pelos materiais pornográficos face à provocada pelos parceiros (Groves et al., 2011; Sun, Bridges, Johnson, & Ezzell, 2016), diminuição da intimidade (e.g., Minarcik et al., 2016), desvalorização e diminuição do interesse sexual pelo parceiro, sentimentos de inadequação e inseguranças ao nível da autoestima, atratividade, desejabilidade, preocupações corporais e com o desempenho sexual (Groves et al., 2011; Kohut et al., 2016), níveis mais elevados de comunicação negativa, menores níveis de ajustamento (Maddox, Rhoades, & Markman, 2011) ou sentimentos de pressão para desempenhar os atos sexuais que o parceiro visualiza nos MSE (Groves et al., 2011).

Assim, a investigação tem constantemente demonstrado que, em alguns contextos, o consumo de pornografia pode ser considerado uma atividade sexual saudável, recreativa e positiva (e.g., Daspe et al., 2017; Groves et al., 2011; Kohut et al., 2016) e, simultaneamente, uma atividade problemática para as relações conjugais (e.g., Carroll et al., 2008; Morgan, 2011; Stack et al., 2014).

1.1.2 Preditores e padrões de consumo de MSE

1.1.2.1 Preditores do consumo de MSE

Diversas investigações têm solidamente demonstrado que o género é um dos preditores mais relevantes do consumo de MSE, uma vez que este consumo é significativamente superior em homens (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Carroll et al.,

2008; Daneback et al., 2009; Harper & Hodgins, 2016; Minarcik et al., 2016; Morgan, 2011).

Por exemplo, Lopes (2014), numa amostra portuguesa, observou que 74.2% dos participantes dos homens reportaram ter visto pornografia nos últimos 30 dias. Por outro lado, Gaspar e Carvalheira (2012) observaram, numa amostra de mulheres portuguesas que 56.9% das mulheres já acederam a sites pornográficos alguma vez durante a sua vida, sendo que apenas 7% reporta tê-lo feito com um frequência igual ou superior a 6 horas por semana. Apesar de ambas as amostras serem reduzidas e não representativas da população, foram os únicos estudos encontrados sobre o tema em amostras portuguesas.

Outros preditores têm sido estudados para o consumo de MSE, assim como para uma frequência de consumo mais elevada, e estes parecem ser melhor definidos em função do género.

Em homens em relações amorosas, os preditores do consumo de MSE incluem um número elevado de parceiros sexuais, uma idade da primeira experiência sexual mais precoce, uma qualidade mais baixa dos relacionamentos com família de origem, maiores níveis de comunicação negativa com as parceiras, história de baixa satisfação com relacionamentos amorosos (Maddox et al., 2011; Poulsen et al., 2013), níveis mais elevados de depressão, menor compromisso com o relacionamento (Bridges & Morokoff, 2011), menor número de filhos (Stack et al., 2004), conflitos com os papéis de género e estilos de vinculação evitantes e ansiosos (Szymanski & Stewart-Richardson, 2014), quando comparados com homens não-utilizadores.

Para as mulheres, os preditores de consumo incluem uma menor religiosidade, experiências sexuais mais precoces com o seu parceiro, maior número de parceiros sexuais e níveis mais elevados de desejo sexual, quando comparadas com mulheres em relações de compromisso que não consomem pornografia (Maddox et al., 2011).

1.1.2.2 Motivos de consumo de MSE e consumo solitária vs. em conjunto

Diversos motivos têm sido apontados para o consumo de MSE no contexto das relações românticas. Por exemplo, os casais podem optar por visualizar MSE em conjunto, como forma de melhorar as suas vidas sexuais (e.g., estimular a fantasia ou gratificação sexual mútua), enquanto fonte de informação ou modo de descoberta, exploração e aprendizagem de preferências sexuais, como forma de melhorar a técnica sexual ou para lidar com motivações sexuais discrepantes (Bridges & Morokoff, 2011;

Kohut et al., 2016). Estes materiais têm sido inclusive utilizados com sucesso por terapeutas conjugais e sexuais com o objetivo de melhorar a vida sexual dos casais (Robinson, Manthei, Scheltema, Rich, & Koznar, 1999).

No entanto, motivos orientados para o casal parecem ser menos frequentes do que os orientados para o consumo solitário. Por exemplo, Daneback e colaboradores (2009) observaram que apenas 15% dos 398 casais participantes reportaram visualizar MSE no último mês com o objetivo de melhorar a vida sexual do casal.

Os motivos estudados que se associam ao consumo solitário de MSE incluem a distração, lidar com o stress, aumentar o conhecimento sexual ou explorar fantasias sexuais que não seriam exploradas na vida real (e.g., Cooper et al., 2004; Cooper, Morahan-Martin, Mathy, & Maheu, 2002; Paul & Shim, 2008).

Os motivos de consumo para homens e mulheres parecem ser também uma diferença de género importante (e.g., Bridges & Morokoff, 2011).

Bridges e Morokoff (2011) observaram que os motivos mais comuns para recorrer a MSE em homens foram a estimulação sexual individual (63.9%), enquanto parte do relacionamento sexual com a parceira (48.4%), curiosidade (38.1%), aborrecimento (33.5%) e redução do stress (32.5%). Motivos menos comuns incluíram um maior desejo de ter relacionamentos sexuais do que a parceira, existência de um problema sexual pessoal ou na parceira ou existência de outros problemas na relação a nível não sexual.

Para as mulheres, os motivos mais comuns incluíram o consumo enquanto parte do relacionamento sexual com o parceiro (64.5%), estimulação sexual individual (58.5%), auxílio da fantasia (44.6%) e curiosidade (43%). Motivos menos comuns incluíram o aborrecimento, redução do stress, sentimentos de solidão, problemas sexuais pessoais ou do parceiro e menor desejo de intimidade do parceiro (Bridges & Morokoff, 2011). Numa amostra de mulheres portuguesas, os principais motivos incluíram a curiosidade (47.8%), procura de algo sexualmente excitante (38.3%), entretenimento (29.6%), aprendizagem de coisas novas sobre sexo (27.8%) e masturbação (15.7%). Apesar de 40% das mulheres da amostra serem solteiras, apenas 8.7% destas recorreram a MSE enquanto parte da relação com o parceiro (Gaspar & Carvalheira, 2012).

Os resultados de Bridges e Morokoff (2011) são consistentes com o estudo de Albright (2008) que demonstrou que a motivação feminina para o consumo de MSE se prende principalmente com uma tentativa de melhorar a vida sexual do casal, enquanto o consumo masculino parece ser maioritariamente motivado por necessidades individuais.

É também possível distinguir dois tipos de consumo de MSE no contexto das relações românticas: um tipo de consumo conjunto em que o casal utiliza estes materiais para melhorar a sua relação sexual, e um consumo solitário, mais comum, realizado fora da díade, e muitas vezes sem o conhecimento do parceiro (Daneback et al., 2009; Rasmussen, 2016). O consumo conjunto tem sido apontado como menos prejudicial para as relações (Bridges & Morokoff, 2011; Maddox et al., 2011; Poulsen et al., 2013).

No geral, os resultados parecem indicar que o consumo masculino é mais solitário, enquanto as mulheres consomem mais pornografia em conjunto com os parceiros (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Kohut et al., 2016; Maddox et al., 2011; Minarcik et al., 2016). Outros estudos sugerem que o consumo de MSE é uma atividade primariamente solitária, em que tanto homens como mulheres são mais prováveis de o fazer, e com mais frequência, sozinhos do que com o parceiro (e.g., Daneback et al., 2009).

1.2 O impacto do consumo de MSE na satisfação sexual e com a relação: Teorias explicativas

Diversas teorias têm sido propostas para a orientação das investigações e fundamentação dos resultados obtidos. Estas, que servirão como enquadramento teórico para a presente investigação, serão abordadas neste capítulo.

1.2.1 Teoria da Comparação Social

De acordo com a teoria da comparação social (ver Festinger, 1954), os sentimentos de satisfação podem ser adversamente afetados quando circunstâncias pessoais são comparadas a outras mais favoráveis, dado que comparações a situações superiores podem resultar num decréscimo da satisfação com as relações amorosas e com os parceiros (Peter & Valkenburg, 2009; Wright, Tokunaga, Kraus & Klann, 2017). Assim, diversos autores têm afirmado que os consumidores de MSE irão, por comparação com as representações pornográficas, sentir défices na responsividade, disponibilidade, desempenho, entusiasmo e aparência física dos parceiros sexuais ao observar indivíduos atraentes envolvidos em atos sexuais (Doran & Price, 2014; Kenrick et al., 1989; Peter & Valkenburg, 2009; Zillmann & Bryant, 1988b).

1.2.2 Teoria dos Scripts Sexuais

Os scripts sexuais (Gagnon & Simon, 1973, citado por Simon & Gagnon, 1986; ver Simon & Gagnon, 1986) são diretrizes construídas socialmente para os encontros sexuais através de valores, dos *mass media* e de experiências pessoais, que fornecem um modelo heurístico relativo às questões do que deve acontecer em contexto sexual, qual o comportamento adequado e quais as consequências (Gagnon & Simon, 2005, citado por Wright, Tokunaga, et al., 2017; Wright, 2011), informando também sobre as normas dos relacionamentos e suas características (e.g., fidelidade) (Rasmussen, 2016).

A pornografia, enquanto componente da socialização sexual, fornece um script sexual, com valor heurístico, que orienta o comportamento sexual (Sun et al., 2016). Uma vez adquiridos e ativados, os scripts sexuais dos MSE são utilizados para guiar expectativas sexuais e o envolvimento sexual no mundo real (Wright, 2011). Quanto maior o consumo, maior o recurso ao script sexual pornográfico durante os encontros sexuais, pois será o mais fácil de ativar cognitivamente (Sun et al., 2016). Esta ideia é reforçada pelo estudo de Morgan (2011) que demonstrou que indivíduos que consumiam mais MSE apresentavam preferências sexuais semelhantes às retratadas nos mesmos.

Tal como na teoria da comparação social, os teóricos da teoria dos scripts sexuais argumentam que os MSE se ligam a efeitos negativos pela alteração dos scripts sexuais individuais e adoção de expectativas irrealistas e idealizadas em relação aos encontros e parceiros sexuais (Morgan, 2011; Willoughby, Carroll, Busby, & Brown, 2016). Por conseguinte, os indivíduos podem-se sentir menos satisfeitos ao contrastar os próprios parceiros e experiências sexuais com os scripts adquiridos através dos modelos de comportamento e representações sexuais idealizadas dos MSE (e.g., Poulsen et al., 2013).

Estes scripts podem ser especialmente significativos para casais heterossexuais, uma vez que muitas das mensagens veiculadas nos MSE apresentam um script heteronormativo, associado à dominância masculina e subserviência feminina (Bridges, Wosnitzer, Scharrer, Sun, & Liberman, 2010, citado por Leonhardt & Willoughby, 2017).

1.2.3 Teoria da Objetificação

A teoria da objetificação (ver Fredrickson & Roberts, 1997) complementa a teoria dos scripts sexuais, dado que alguns conteúdos pornográficos retratam um script de objetificação (Klassen & Peter, 2015).

Segundo esta teoria, a ênfase sociocultural ocidental na beleza da mulher pode resultar numa maior objetificação das mulheres. Esta ideia é suportada por estudos que demonstraram que o uso de MSE nos homens se associa a uma maior objetificação das parceiras (Zurbriggen, Ramsey, & Iaworski, 2011) e a uma maior auto-objetificação nas mulheres consumidoras (Schneider, 2000; Vanderbosch & Eggermont, 2012). Em ambos os casos, uma maior (auto)objetificação constitui-se como um preditor da insatisfação com a relação (Zurbriggen et al., 2011) e associa-se também a uma menor satisfação sexual nas mulheres (Claudat & Warren, 2014).

Para Zitzman e Butler (2009, p. 231), isto ocorre porque “as mulheres tornam-se desconhecidas e não-reconhecidas em termos de qualquer existência que não a dimensão objetificada – a sua sexualidade. Mesmo assim, a sexualidade das mulheres não é uma grande preocupação, uma vez que a atenção está focada apenas na sua exploração para a gratificação sexual masculina”.

1.2.4 Modelo de Investimento

O Modelo de Investimento de Rusbult (1980, 1983) sugere que existem três elementos no compromisso com a relação: qualidade de alternativas disponíveis, nível de investimento e atração/satisfação com a relação. A atração e satisfação são tidas como função dos custos e ganhos associados à mesma. Assim, alternativas vistas como atraentes diminuem o investimento e a satisfação, enquanto relações consideradas gratificantes aumentam o investimento e diminuem a procura de alternativas à relação atual.

Fatores que reduzem o investimento e o compromisso podem, então, reduzir a satisfação com a relação (Rasmussen, 2016). Pessoas satisfeitas com a relação encontram-se mais investidas na mesma e mais comprometidas com o parceiro (Rusbult, 1983) e, neste sentido, o consumo de MSE pode pôr em causa o compromisso ao aumentar a variedade sexual e apresentar uma diversidade de alternativas atraentes (Lambert et al., 2012). Esta ideia é suportada por investigações que demonstraram que o consumo de MSE potencia o risco de infidelidade e divórcio ou a aceitação de comportamentos sexuais extraconjugais (e.g., Gwinn, Lambert, Fincham, & Maner, 2013; Zitzman & Butler, 2009). Se este consumo demite o relacionamento sexual com o parceiro (redução do investimento) e torna primária a possibilidade de um melhor relacionamento (redução do compromisso), pode, então, reduzir a satisfação com a relação (Doran & Price, 2014; Lambert et al., 2012; Muusses, Kerkhof & Finkenauer, et al., 2015).

1.2.5 Teoria da Vinculação

A satisfação sexual e com a relação podem ser vistas como o resultado do desenvolvimento de uma vinculação segura entre parceiros, em que cada um confia que o outro será fisicamente, psicologicamente e emocionalmente responsivo às suas necessidades (Cassidy & Shaver, 1999, citado por Carroll et al., 2017).

A teoria da vinculação tem sido sugerida como uma lente útil para explorar os mecanismos através dos quais os MSE podem influenciar as relações de casal e explicar possíveis efeitos negativos nos processos relacionais (Zitzman & Butler, 2009).

Sendo o relacionamento sexual um aspecto importante das dinâmicas de vinculação e segurança na relação, quaisquer danos percebidos podem contribuir para a deterioração da confiança no vínculo (Johnson, Makinen, & Millikin, 2001; Zitzman & Butler, 2009). Estes podem ocorrer quando as expectativas de vinculação não são cumpridas, são violadas ou abandonadas ou quando existe insegurança emocional (Johnson et al., 2001), podendo ser infligidos por eventos específicos (e.g., infidelidade) ou desenvolver-se gradualmente através de violações repetidas, crônicas e pervasivas ao vínculo (Zitzman & Butler, 2009).

Comportamentos que são interpretados como disruptivos ou erosivos para a segurança do vínculo terão, então, um impacto significativo na comunicação, intimidade e satisfação do casal (Cassidy & Shaver, 1999, citado por Carroll et al., 2017).

As expectativas e comportamentos associados aos MSE chocam com as dinâmicas requeridas para uma vinculação segura e para uma intimidade autêntica entre parceiros, e a sexualidade desvinculada e objetificada que é retratada afeta diretamente a segurança do vínculo (Zitzman & Butler, 2009). Neste sentido, Zitzman e Butler (2009) observaram que, para as mulheres, o uso de MSE dos parceiros correspondeu a tal acumulação de danos no vínculo, que reestruturou as suas percepções relativamente aos mesmos enquanto capazes de fornecer um vínculo seguro e confiável. Neste estudo, as esposas concebiam e conceptualizavam o consumo de MSE dos maridos como um comportamento de ataque ao vínculo e como dotado de egocentrismo, ou seja, como estando para o próprio em vez de para a relação.

Assim, Zitzman e Butler (2009, p. 230) defendem que o consumo de MSE contribui para a desvinculação e desligamento emocional e psicológico das expectativas, experiências, exigências e responsabilidades da relação de casal e da sexualidade em relação ao seu contexto relacional, significado e constrangimentos, uma vez que “as representações pornográficas promovem e induzem a excitação sexual, clímax e

resolução sem nenhuma atenção, responsividade ou compromisso relacional real – as componentes-chave da vinculação”.

No entanto, a estrutura de segurança nas relações amorosas pode ser algo subjetiva e variável de relação para relação (Willoughby et al., 2016). Diferenças no consumo e aceitação da pornografia podem influenciar se a pornografia é vista como uma violação ou ameaça ao vínculo, influenciando assim a satisfação geral com a relação (Carroll et al., 2008; Szymanski & Stewart-Richardson, 2014).

1.3 Satisfação sexual

1.3.1 O conceito de satisfação sexual

A satisfação sexual pode ser definida como “uma resposta afetiva que surge da avaliação subjetiva das dimensões positivas e negativas associadas à relação sexual” (Lawrance & Byers, 1995, p. 268). É considerada uma dimensão central no estudo da qualidade da relação, classificada por Sprecher e Cate (2004, p. 241, citado por Pascoal, Narciso, & Pereira, 2014) como o “barômetro da qualidade da relação”.

A satisfação sexual é um construto multifacetado (e.g., Pascoal et al., 2014; Leonhardt & Willoughby, 2017) que envolve diversos indicadores do bem-estar sexual pessoal como o prazer, sentimentos positivos, desejo, excitação, orgasmo ou abertura sexual (Pascoal et al., 2014). No contexto relacional, relaciona-se com o funcionamento sexual (e.g., Heiman et al., 2011; Velten & Margraf, 2017), amor e afeto (Pascoal et al., 2014), frequência da atividade sexual (e.g., Doran & Price, 2014; McNulty & Fisher, 2008), comunicação sexual (Velten & Margraf, 2017), satisfação com a relação (e.g., Sánchez-Fuentes, Santos-Inglesias, & Sierra, 2014), intimidade emocional (Heiman et al., 2011; Pascoal et al., 2014), sexualidade lúdica (criatividade, variedade) (Pascoal et al., 2014) ou tempo despendido nas preliminares e no ato sexual (Rust & Golombok, 1985).

Variáveis individuais (e.g., características de personalidade, autoestima), sociais (e.g., religiosidade, estatuto socioeconómico) e relacionais (e.g., parentalidade, relações familiares, conjugalidade) têm sido apontadas como afetando a satisfação sexual (ver Sánchez-Fuentes et al., 2014).

1.3.2 Satisfação sexual e consumo de MSE

A hipótese de que a pornografia reduz a satisfação sexual motivou um conjunto de investigações. Wright, Bridges, Sun, Ezzell, & Johnson (2018) observaram uma associação negativa entre o consumo de MSE e a satisfação sexual, independentemente do gênero, estatuto conjugal ou religiosidade dos participantes. Esta relação foi também encontrada por Wright, Tokunaga e colaboradores (2017) numa meta-análise com 50 estudos e mais de 50 000 participantes de 10 países. Outros estudos têm também concluído que o consumo de MSE afeta negativamente a satisfação sexual de homens, mulheres e do casal (e.g., Minarcik et al., 2017; Newstrom & Harris, 2016; Zitzman & Butler, 2009; Poulsen et al., 2013; Sun et al., 2016).

Vários estudos têm demonstrado que alguns dos indicadores de satisfação sexual referidos anteriormente podem ser heterogeneamente afetados pelo consumo de MSE.

Quanto à satisfação com a intimidade física, dados correlacionais têm associado o uso de MSE a uma diminuição da mesma (e.g., Poulsen et al., 2013; Schneider, 2000). A variedade retratada na pornografia pode condicionar os utilizadores a perder interesse e satisfação com encontros sexuais rotineiros com o parceiro (Kohut et al., 2016) e, neste sentido, os MSE podem substituir as relações sexuais, resultando num distanciamento interpessoal e num sentido de intimidade reduzido (Wright et al., 2018), tanto para os utilizadores como para os parceiros (Schneider, 2000). Por exemplo, Schneider (2000) concluiu que 52% dos participantes utilizadores de cibersexo reportam ter perdido o interesse no sexo com a parceira, assim como 34% das suas parceiras.

De acordo com a teoria da objetificação e dos scripts sexuais, se os homens consomem pornografia que é mais objetificante e impessoal do que as mulheres e que enfatiza a dominância masculina e a submissão feminina (Zillmann & Bryant, 1988a), os scripts aprendidos através destes materiais são mais prováveis de os alienar das suas parceiras, fazendo-os sentir mais emocionalmente, sexualmente e relacionalmente insatisfeitos (e.g., Willoughby et al., 2016). Estas afirmações são suportadas pela evidência de que os homens são mais prováveis de incorporar os atos sexuais visualizados na pornografia durante o relacionamento sexual com as suas parceiras e de fantasiar sobre estas imagens durante o ato sexual (Newstrom & Harris, 2016; Sun et al., 2016).

Ainda, os utilizadores, em especial do sexo masculino, podem sentir-se desapontados se as parceiras respondem negativamente ao seu desejo de desempenhar os atos sexuais observados nos MSE (DeKeseredy & Hall-Sanchez, 2016, citado por Wright

et al., 2018) ou revelam falta de habilidade ou desejo (Leonhardt & Willoughby, 2017). Esta associação não foi encontrada em mulheres, em parte devido à possibilidade de os homens se mostrarem mais dispostos a envolver-se nas práticas sexuais que as mulheres veem nos MSE (Leonhardt & Willoughby, 2017).

Em contexto experimental, a exposição a MSE tem sido associada a um decréscimo da satisfação com a atratividade, curiosidade sexual, desempenho sexual e afeto dos consumidores face aos parceiros (Zillmann & Bryant, 1988b). Dado que a atração física é tipicamente mais importante para homens do que para mulheres (Buss & Schmitt, 2011, citado por Wright et al., 2018), este efeito é mais pronunciado nos homens, que parecem tornar-se mais insatisfeitos com as comparações feitas entre as suas parceiras e as atrizes pornográficas (Kenrick et al., 1989; Zillmann & Bryant, 1988b). Além da atração física, estes efeitos estendem-se a outros aspetos dos relacionamentos: os encontros sexuais variados que são retratados nos MSE produzem um contraste acentuado face à responsabilidade, restrições e compromisso associados aos relacionamentos sexuais reais, fazendo-os parecer particularmente restritivos (Mundorf, D'Alessio, Allen & Emmers-Sommer, 2007, citado por Rasmussen, 2016; Zillmann & Bryant, 1988a).

Estes resultados parecem ser moderados pelo funcionamento sexual do casal, dado que a satisfação sexual parece não ser afetada pelo uso de MSE em casais funcionais e estáveis (Bridges & Morokoff, 2011). Aspetos disfuncionais, como a adição a pornografia em parceiros masculinos, parecem afetar o funcionamento sexual do casal (Bergner & Bridges, 2002), assim como conduzir ao desenvolvimento de sentimentos de insatisfação sexual (Blais-Lecours, Vaillancourt-Morel, Sabourin, & Godbout, 2016).

O consumo de MSE parece também ter um impacto na frequência da atividade sexual, associando-se a um decréscimo desta quando o consumo é feito de modo solitário (e.g., Kohut et al., 2016) e a um aumento quando feito em conjunto (e.g., Cooper et al., 2004; Mann et al., 1973). A satisfação com a variedade sexual e tempo despendido no ato sexual parecem apenas ser afetadas nos homens (Leonhardt & Willoughby, 2017).

Relativamente à sexualidade lúdica, Bridges, Bergner & Hesson-McInnis (2003) observaram que, numa amostra de mulheres cujos parceiros consumiam MSE, a maioria sentia que este consumo adicionava variedade às suas vidas sexuais. Kohut e colaboradores (2016) concluíram também que os MSE apresentam um valor importante para a sexualidade lúdica do casal, contribuindo para a aquisição de novas ideias sexuais, menor inibição e maior abertura à experiência e conforto na experimentação de novos comportamentos sexuais.

1.4 Satisfação com a relação

1.4.1 O conceito de satisfação com a relação

A satisfação com a relação corresponde à avaliação global subjetiva de um indivíduo face à qualidade do seu relacionamento romântico (Fincham & Bradbury, 1987; Mattson, Rogge, Johnson, Davidson, & Fincham, 2013), sendo considerada uma variável importante na investigação relacionada com relações românticas (Mattson et al., 2013).

Várias dimensões têm sido identificadas na caracterização de relações estáveis e satisfatórias. Estas incluem, por exemplo, a confiança, expectativas de fidelidade, intimidade, comunicação positiva, respeito e suporte mútuos, valores partilhados, frequência de interações positivas e negativas, ajustamento, dedicação, frequência e qualidade da relação sexual, compromisso com o relacionamento e amor (e.g., Hassebrauck & Fehr, 2002; Maddox et al., 2011; Manning, 2006).

1.4.2 Satisfação com a relação e consumo de MSE

Diversas investigações propuseram avaliar qual o impacto do consumo de MSE na satisfação com a relação e suas dimensões, concluindo que este impacto é maioritariamente negativo (e.g., Bergner & Bridges, 2002; Stewart & Szymanski, 2012).

Ao nível do compromisso, e considerando o Modelo de Investimento de Rusbult (1980, 1983), a pornografia pode conduzir a uma diminuição do investimento (Bergner & Bridges, 2002) e facilitar uma alternativa sexual atrativa face às exigências das relações amorosas e de intimidade da vida real, que requerem constância, fidelidade, atenção e responsabilidade, ao sugerir que outros fora do relacionamento podem fornecer uma variedade e satisfação superiores (Gwinn et al., 2013; Zillmann & Bryant, 1988a). O afastamento das exigências e responsabilidade das relações amorosas reais pode “diminuir a motivação para resolver os problemas com o parceiro, conduzindo a uma retirada, e eventual preferência, pelo mundo virtual [da pornografia]” (Cooper, Griffin-Shelley, Delmonico, & Mathy., 2001, p. 280) face às relações reais e à intimidade. Esta ideia é suportada por estudos, como o de Lambert e colaboradores (2012) que demonstraram que um maior consumo de MSE se correlaciona com um menor compromisso com o parceiro atual.

Outras investigações têm demonstrado que uma maior exposição a pornografia se associa a uma maior aceitação da promiscuidade e a uma maior visão do casamento enquanto uma condição menos desejável (Zillmann & Bryant, 1988a). De acordo com a teoria dos scripts sexuais é possível que, por a pornografia retratar geralmente encontros sexuais descomprometidos e muitas vezes explicitamente infiéis, essa exposição favoreça um script sexual permissivo, aumentando a aceitação de comportamentos extraconjugais (Braithwaite, Coulson, Keddington, & Fincham, 2014, citado por Rasmussen, 2016).

O consumo de pornografia tem sido associado a uma diminuição da confiança no relacionamento amoroso nas mulheres (Szymanski, Feltman, & Dunn, 2015; Zitzman & Butler, 2009). Por exemplo, Szymanski e colaboradores (2015) observaram que uma maior percepção de consumo nos parceiros masculinos se associa a uma perda de confiança emocional e psicológica, o que afeta negativamente a satisfação com a relação ao aumentar os níveis de ansiedade, insegurança e preocupação acerca do futuro do relacionamento. Este aumento da ansiedade pode contribuir para um aumento de sentimentos de mal-estar psicológico que, por sua vez, retiram a atenção de aspetos do relacionamento considerados satisfatórios.

Por fim, o consumo de MSE pode constituir-se como um fator precipitante do término dos relacionamentos. Schneider (2000) examinou as narrativas de 91 mulheres (e 3 homens) que experienciaram efeitos adversos decorrentes das atividades sexuais online dos parceiros. Estes indivíduos experienciaram sofrimento emocional decorrente do comportamento do parceiro, sentindo-se magoados, abandonados, humilhados, traídos e zangados. Em última análise, isto conduziu a uma reavaliação da relação para muitos participantes, que procuraram a separação ou o divórcio à medida que os relacionamentos se deterioravam progressivamente. Estes dados são convergentes com investigações que demonstraram que um maior consumo de MSE se associa a uma maior probabilidade de divórcio entre casais (e.g., Doran & Price, 2014; Perry & Schleifer, 2018). Perry e Davis (2017), num estudo longitudinal, concluíram que um maior consumo de MSE precipitava também uma maior probabilidade de terminar o relacionamento 6 anos depois, em particular para homens e relações de namoro. No mesmo sentido, Doran e Price (2014) concluíram que um maior consumo de MSE conduz, tanto em homens como em mulheres, a uma menor satisfação com a vida no geral, a uma maior probabilidade de divórcio, de envolvimento em relações extraconjugais e de considerar o seu casamento satisfatório.

1.5 Variáveis moderadoras dos efeitos do consumo de MSE na satisfação sexual e na satisfação com a relação

Dadas as disparidades e heterogeneidade na explicação dos efeitos do consumo de MSE observados empiricamente a nível individual e conjugal, no geral, e à satisfação sexual e com a relação, em particular, surge a pertinência de procurar clarificar estes efeitos com base em variáveis moderadoras que possam explicar estas diferenças.

1.5.1 Género

As diferenças de género têm sido apontadas como uma variável importante na compreensão dos efeitos do consumo de pornografia nas relações de casal (e.g., Carroll et al., 2017). Numa meta-análise, Petersen e Hyde (2011) concluíram que, das atitudes e comportamentos sexuais analisados, as diferenças de género mais marcadas diziam respeito ao consumo de pornografia. Ainda, diferenças de género significativas têm sido encontradas no que diz respeito à aceitação da pornografia (e.g., Carroll et al., 2008), identificação com um padrão de consumo aditivo (e.g., Harper & Hodgins, 2006) ou nos danos percebidos decorrentes deste consumo (e.g., Zitzman & Butler, 2009).

Em particular, vários estudos têm identificado diferenças de género significativas em relação aos efeitos provocados pelo consumo de MSE na satisfação sexual (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Leonhardt & Willoughby, 2017; Newstrom & Harris, 2006; Wright et al., 2018). Nos homens, o consumo de MSE parece associar-se a uma menor satisfação sexual (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Minarcik et al., 2017; Newstrom & Harris, 2016; Poulsen et al., 2013; Wright, Tokunaga et al., 2017). No entanto, para as mulheres, os resultados são muito heterogéneos, sugerindo que este consumo se associa tanto a um aumento (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Poulsen et al., 2013) como a uma diminuição da satisfação sexual (e.g., Zitzman & Butler, 2009) ou que o consumo de MSE não afeta a satisfação sexual ao longo do tempo (e.g., Muusses et al., 2015; Wright, Tokunaga, et al., 2017).

Ao nível da satisfação com a relação, foram observadas diferenças de género importantes, com os homens a serem mais afetados pelo consumo de MSE do que as mulheres (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Newstrom & Harris, 2016; Perry, 2017). Por exemplo, Perry (2017) observou que um maior consumo de pornografia em casais casados tem uma influência negativa na qualidade da relação conjugal nos homens, mas

não nas mulheres, e que esta influência é mais pronunciada quando o consumo é mais frequente (uma vez por dia ou mais).

1.5.2 Frequência do consumo

Os efeitos negativos do consumo de MSE parecem ser amplificados por uma frequência de consumo mais elevada (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Daspe et al., 2017; Leonhardt & Willoughby, 2017; Minarcik et al., 2016; Perry, 2016, 2017; Zillmann & Bryant, 1988b).

Ao nível da satisfação sexual, diversos estudos têm demonstrado que é o consumo frequente e persistente, por oposição a um consumo infrequente ou ocasional, que conduz a efeitos indesejáveis na satisfação sexual (e.g., Morgan, 2011; Peter & Valkenburg, 2009; Wright et al., 2018). Uma possibilidade é que o consumo ocasional de pornografia pode ser sexualmente catártico, aumentando a satisfação, enquanto um consumo mais regular resulta num decréscimo da mesma (Rasmussen, 2016).

Ao nível da satisfação com a relação e ajustamento diádico, Maddox e colaboradores (2011) concluíram que casais que não consomem MSE experienciam níveis mais elevados de satisfação com a relação e reportam mais dedicação aos parceiros, quando comparados com casais que consomem MSE em conjunto ou de forma solitária.

1.5.3 Motivos de consumo de MSE e consumo solitário vs. conjunto

Motivos de consumo de MSE orientados para o casal são normalmente percebidos como relativamente benignos por ambos os parceiros e têm sido associados a efeitos salutareos na relação conjugal (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Daneback et al., 2009; Grov et al., 2011), enquanto motivos orientados para necessidades individuais têm sido associados a mais consequências negativas para o relacionamento (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Cooper et al., 2004; Daneback et al., 2009). Por exemplo, Cooper e colaboradores (2004) observaram que homens que recorrem a materiais sexuais online por motivos orientados para o casal reportam um aumento significativo na atividade sexual com a parceira. Em contraste, homens que recorrem a estes materiais para reduzir o stress ou para lidar com a depressão reportam um aumento dos problemas conjugais.

No mesmo sentido, padrões de consumo solitário têm sido associados a efeitos negativos na satisfação sexual e com a relação (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Maddox

et al., 2011; Poulsen et al., 2013; Yucel & Gassanov, 2010), intimidade, compromisso, qualidade da comunicação sexual (e.g., Daneback et al., 2009; Grov et al., 2011), autoimagem das mulheres e nível de excitação sexual dos homens (Daneback et al., 2009), em comparação com o consumo conjunto ou não-consumo (Daneback et al., 2009; Maddox et al., 2011; Minarcik et al., 2016), sendo este efeito mais marcado para os homens (e.g., Grov et al., 2011; Minarcik et al., 2016). Por outro lado, quando feito em conjunto, o consumo de MSE pode associar-se a uma maior abertura à experimentação de novos comportamentos sexuais, maior facilidade em comunicar desejos sexuais, menor probabilidade de experienciar uma diminuição na excitação provocada pelo sexo real (vs. visualizado nos MSE) e menos sentimentos de aborrecimento com a vida sexual (e.g., Grov et al., 2011).

Em particular, os impactos observados parecem relacionar-se com o facto de os homens consumirem mais MSE de forma solitária e por motivos de autoestimulação sexual (Bridges & Morokoff, 2011; Daneback et al., 2009; Poulsen et al., 2013), enquanto as mulheres são mais prováveis de o fazer com os parceiros (Bridges & Morokoff, 2011). A satisfação sexual é mais elevada quando o casal tem relações sexuais mais frequentes (Doran & Price, 2014; Yucel & Gassanov, 2010) e, por isso, a visualização conjunta pode encorajar as relações sexuais do casal, aumentar a satisfação sexual (Poulsen et al., 2013) e a união do casal (Manning, 2006), enquanto, no caso dos homens, o consumo solitário pode substituir a relação sexual com a parceira e conduzir ao decréscimo da satisfação sexual (Wright et al., 2018). Por outro lado, o consumidor solitário pode recorrer a MSE para aumentar a satisfação sexual ou como distração, uma vez que a relação atual não satisfaz as suas necessidades sexuais (Maddox et al., 2011).

Ao nível da satisfação com a relação, os efeitos negativos parecem também verificar-se nos casos em que o consumo é solitário (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Yucel & Gassanov, 2010) ou existe um consumo compulsivo (e.g., Schneider, 2000), dado que, tal como na satisfação sexual, uma maior satisfação com a relação se associa a um consumo conjunto de MSE, por oposição a um consumo solitário, tanto em homens como em mulheres (Bridges & Morokoff, 2011; Daneback et al., 2009; Maddox et al., 2011; Minarcik et al., 2016). Neste sentido, Yucel e Gassanov (2010) observaram que os casais são mais prováveis de considerar a sua relação pouco saudável quando apenas um dos parceiros consome MSE, independentemente do género. Ainda, Bridges (2008a, citado por Minarcik et al., 2016) observou que, em casais em que as mulheres consumiam pornografia, ambos os parceiros classificaram a sua satisfação sexual e com a relação

como superiores. Por outro lado, nas relações em que as mulheres não consumiam MSE, o consumo dos parceiros masculinos tinha um impacto negativo na sua satisfação sexual.

1.5.4 Grau de compromisso da relação e tempo de relacionamento

De modo geral, estar numa relação amorosa associa-se a um consumo reduzido de MSE (Buzzell, 2005) e níveis mais elevados de compromisso (casamento vs. namoro) têm sido associados a um consumo menos frequente de MSE, em particular no sexo masculino (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Sun et al., 2016).

Os efeitos deste consumo na satisfação sexual parecem ser menos pronunciados em indivíduos em relações amorosas, dado que estar numa relação pode fornecer um efeito amortecedor (Wright et al., 2018), devido à maior disponibilidade de oportunidades sexuais e porque relações sexuais com o mesmo parceiro são um preditor da satisfação sexual (Higgins, Mullinax, Trussell, Davidson, & Moore, 2011).

Ao nível do grau de compromisso da relação, relações de casamento podem ser mais fortemente afetadas pelo consumo de MSE do que relações de namoro, em parte devido a uma maior pressão cultural e social dirigida à fidelidade (Perry, 2016). Por exemplo, Bridges e colaboradores (2003) observaram que mulheres casadas se sentiam significativamente mais perturbadas e ameaçadas pelo consumo de MSE dos maridos do que mulheres em relações de namoro.

Em relação à duração do relacionamento, Bergner e Bridges (2002) observaram que esta variável moderou os impactos da pornografia na satisfação com a relação, uma vez que mulheres em relacionamentos mais longos mostraram ser mais afetadas pelo consumo dos parceiros. No mesmo sentido, Perry (2017) observou também que o consumo de MSE masculino se relacionou com uma qualidade marital mais baixa em 6 anos para as mulheres. Para mulheres consumidoras esta relação não foi significativa.

1.5.5 (Des)conhecimento do padrão de consumo do parceiro

Outra variável que parece moderar a relação entre o consumo de MSE e os efeitos na relação é o (des)conhecimento que os parceiros têm do consumo de cada um.

Homens cujas parceiras têm conhecimento do seu consumo de MSE reportam ser mais fácil conversar com as mesmas sobre sexo, desejos e fantasias sexuais (Daneback et al., 2009) e mulheres cujos parceiros são honestos acerca do seu consumo reportam menor

sofrimento e maior satisfação com a relação do que mulheres cujos parceiros tentam ocultar este consumo (Resch & Alderson, 2014) Por outro lado, padrões de encobrimento contribuem para sentimentos de exclusão, confiança diminuída e maior conflituosidade, o que, por sua vez, afeta negativamente os relacionamentos (Finkenbauer, Kerkhof, Righetti, & Branje, 2009, citado por Carroll et al., 2017). Isto sugere que a honestidade acerca do consumo de MSE pode moderar os seus efeitos negativos.

1.5.6 Perceção de consumo excessivo no parceiro

As diferenças observadas nas perceções do impacto dos MSE nas relações de casal podem relacionar-se com as atribuições feitas por homens e mulheres em relação a este consumo (Bridges & Morokoff, 2011). Enquanto os homens tendem a interpretar este uso pelas mulheres como tentativa de melhorar o relacionamento, estas tendem a reportar uma afetividade mais negativa face ao uso de MSE pelos parceiros, interpretando-o como sinal de insatisfação (Bridges & Morokoff, 2011; Clark & Wiederman, 2000).

Nas mulheres, em particular, a perceção de um consumo excessivo no parceiro tem sido apontada como uma variável que auxilia a compreensão dos efeitos deste consumo nas relações de casal (Bridges et al., 2003; Bridges & Morokoff, 2011; Stewart & Szymanski, 2012; Szymanski et al., 2015). Stewart e Szymanski (2012) observaram que as perceções da mulher acerca do consumo de pornografia do parceiro se associaram negativamente com a sua autoestima, satisfação sexual e satisfação com a relação. No mesmo sentido, Szymanski e colaboradores (2015) observaram que a perceção de um consumo de pornografia excessivo no parceiro se associou a níveis mais elevados de insatisfação com a relação e de stress psicológico relatado. Bridges e colaboradores (2003) concluíram ainda que as mulheres se sentiam significativamente mais perturbadas pelo consumo de pornografia dos parceiros quando a frequência de consumo era maior e que isto se traduzia numa perda de confiança emocional e relacional reportada.

1.5.7 Idade do primeiro contacto com MSE

Outro preditor importante, em que se verificaram diferenças de género significativas, é a maior precocidade do primeiro contacto com MSE (e.g., Daspe et al., 2017). Para os homens, este contacto mais precoce, normalmente durante a adolescência, associa-se a uma frequência de consumo mais elevada na idade adulta (Harper &

Hodgins, 2016; Morgan, 2011; Willoughby et al., 2018) e a uma menor satisfação com a vida (Willoughby et al., 2018), preditor importante da satisfação sexual (Stephenson & Meston, 2015) e da satisfação com a relação (Freudiger, 1983).

Morgan (2011) observou que a idade média de primeiro contacto com MSE precede a idade média da primeira relação sexual por 2 a 4 anos, o que sugere que a maioria dos participantes teve acesso a MSE antes de desenvolver preferências sexuais baseadas na sua própria experiência sexual.

De acordo com a teoria da comparação social e a teoria dos scripts sexuais, visualizar indivíduos atraentes envolvidos em atos sexuais conduz a níveis mais elevados de gratificação sexual, o que aumenta a probabilidade de os consumidores perceberem (e procurarem reproduzir) a utilidade do sexo apresentado nos MSE (Peter & Valkenburg, 2010). Peter e Valkenburg (2010) observaram que, em adolescentes, um maior consumo de MSE se associa a uma maior probabilidade de considerar que os materiais observados refletem as práticas sexuais do mundo real e mais instrumental (e menos relacional) se torna a sua abordagem às relações sexuais, em comparação com adultos mais velhos, cuja experiência sexual é mais baseada em encontros sexuais reais (Sun et al., 2016). Neste sentido, indivíduos mais novos parecem recorrer a MSE para formar os scripts sexuais antes de terem tido experiências sexuais no mundo real (Sun et al., 2016), o que também se prende com o facto de homens mais novos procurarem MSE para propósitos de aprendizagem e socialização, enquanto homens mais velhos o fazem por motivos mais instrumentais (Kimmel, 2008, citado por Sun et al., 2016). Adicionalmente, Wright, Sun, Steffen, & Tokunaga (2017) argumentam que não é a exposição *per se* a MSE que provoca os efeitos negativos, mas sim o grau de extração de informação sexual que, como consequência, se reflete numa maior preferência pela excitação sexual provocada pelos MSE. Consequentemente, uma maior preferência pela excitação sexual provocada pelo material pornográfico conduz a uma menor satisfação sexual (Wright, Sun et al., 2017).

1.5.8 Satisfação sexual e satisfação com a relação

O tipo de efeitos provocados pelo consumo de MSE parece também ser moderado pela própria satisfação sexual e com a relação. A insatisfação com a vida sexual e com a relação têm sido apontadas não só como consequências, mas também como preditores significativos do consumo de MSE (e.g., Daspe et al., 2017; Muusses et al., 2015; Peter & Valkenburg, 2009), o que sugere que a direção de causalidade do efeito deste consumo

não é unidirecional, mas sim bidirecional. Aliás, o consumo de MSE é superior em indivíduos insatisfeitos com os seus relacionamentos (e.g., Maddox et al., 2011; Poulsen et al., 2013; Stack et al., 2004).

Por exemplo, Muusses e colaboradores (2015) constataram um efeito bidirecional entre o consumo de MSE de homens recém-casados e o ajustamento diádico e satisfação com a relação, em que homens com baixo ajustamento reportaram consumir mais pornografia do que os que reportaram níveis de ajustamento mais elevados. Ao mesmo tempo, um aumento deste consumo associou-se a uma diminuição do ajustamento diádico e satisfação com a relação.

No contexto de uma relação e vida sexual satisfatória, o consumo de MSE pode traduzir-se em comportamentos recreativos que são menos prováveis de se tornar problemáticos à medida que a sua frequência aumenta (Daspe et al., 2017). Por outro lado, quando o contexto relacional é marcado por insatisfação sexual e com a relação, este consumo pode assumir a função de uma estratégia de coping disfuncional ou de um dispositivo de regulação emocional, que se reflete numa tentativa de lidar com o stress e emoções negativas provenientes de dificuldades relacionais ou para escapar, ignorar ou desligar da realidade de uma vida sexual e conjugal insatisfatória (Daspe et al., 2017; Muusses et al., 2015; Zillmann, 1988, citado por Daspe et al., 2017).

Quando as relações românticas apresentam níveis elevados de hostilidade e conflito, a pornografia pode tornar-se uma forma mais ou menos consciente de expressar raiva dirigida ao parceiro, especialmente se o seu consumo for desaprovado pelo outro, numa tentativa de criar distância e regular a intimidade (Hall, 2014, citado por Daspe et al., 2017). No mesmo sentido, quando insatisfeitos com a relação e com a sua vida sexual, os indivíduos podem recorrer a MSE para satisfazer necessidades sexuais que não são satisfeitas na relação romântica, para tornar a sua vida sexual mais estimulante ou para substituir um parceiro visto como frustrante ou desapontante (Kohut et al., 2017; Muusses et al., 2015). Nestes contextos, os MSE podem ser utilizados para compensar uma vida sexual insatisfatória, tornando-se a única fonte de gratificação sexual (Daspe et al., 2017).

Capítulo 2. Objetivos e Hipóteses

2.1 Objetivos

A presente investigação, de carácter exploratório, tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre o impacto do consumo de MSE na relação conjugal.

Neste sentido, os objetivos desta investigação são: (1) caracterizar os padrões de consumo de MSE dos participantes (presença ou ausência de consumo solitário e/ou conjunto, frequência deste consumo e motivos associados); (2) analisar a relação entre o consumo de MSE e a satisfação sexual; (3) analisar a relação entre o consumo de MSE e a satisfação com a relação; (4) determinar quais as variáveis do consumo de MSE, já apontadas na revisão de literatura, que explicam as diferenças nos efeitos observados na satisfação sexual e na satisfação com a relação (género, tempo de relacionamento, grau de compromisso do relacionamento, frequência do consumo de MSE, motivos associados, presença de consumo conjunto com o parceiro e sua frequência, desconhecimento do consumo do parceiro e percepção de consumo excessivo no parceiro).

2.2 Hipóteses gerais

Com base na revisão de literatura realizada e nos objetivos anteriormente propostos foram formuladas as seguintes hipóteses gerais:

Hipótese Geral 1 (HG1): O consumo de MSE tem um impacto significativo na satisfação sexual dos participantes.

Hipótese Geral 2 (HG2): O consumo de MSE tem um impacto significativo na satisfação com a relação dos participantes.

2.3 Hipóteses específicas

Considerando as hipóteses gerais formuladas, as hipóteses específicas da presente investigação são:

Hipótese Específica 1 (HE1): Homens e mulheres diferem nas variáveis de consumo de MSE: frequência do consumo, motivos reportados, modo de consumo

(solitário vs. conjunto), idade do primeiro contacto com MSE e percepção de consumo excessivo.

Hipótese Específica 2 (HE2): Variáveis da relação atual – grau de compromisso do relacionamento e duração do relacionamento – oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação sexual.

Hipótese Específica 3 (HE3): Variáveis da relação atual – grau de compromisso do relacionamento e duração do relacionamento – oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação com a relação.

Hipótese Específica 4 (HE4): Variáveis do consumo de MSE – idade do primeiro contacto com MSE, frequência do consumo, motivos associados, modo de consumo (solitário vs. conjunto) e desconhecimento do consumo do parceiro – oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação sexual.

Hipótese Específica 5 (HE5): Variáveis do consumo de MSE – idade do primeiro contacto com MSE, frequência do consumo, motivos associados, modo de consumo (solitário vs. conjunto) e desconhecimento do consumo do parceiro – oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação com a relação.

Hipótese Específica 6 (HE6): A satisfação sexual dos participantes oferece uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da frequência de consumo de MSE.

Hipótese Específica 7 (HE7): A satisfação com a relação dos participantes oferece uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da frequência de consumo de MSE.

Capítulo 3. Metodologia

Neste capítulo é apresentada a metodologia utilizada no presente estudo, com o objetivo de operacionalizar a testagem das hipóteses formuladas anteriormente. Este capítulo divide-se em três partes: a definição das variáveis dependentes e independentes em estudo, os instrumentos utilizados na recolha de dados e o procedimento.

3.1 Definição de variáveis

Nas hipóteses gerais, em HG1 e HG2, a satisfação sexual e a satisfação com a relação correspondem, respetivamente, às variáveis dependentes e a frequência de consumo de MSE no último mês corresponde à variável independente.

Quanto às hipóteses específicas, em HE1 as variáveis dependentes correspondem às variáveis do consumo de MSE e a variável independente ao género. Em HE2 e HE3, as variáveis dependentes são a satisfação sexual e a satisfação com a relação, respetivamente, e as variáveis independentes são as variáveis da relação atual. Em HE4 e HE5, as variáveis dependentes correspondem à satisfação sexual e à satisfação com a relação, respetivamente, e as variáveis independentes às variáveis de consumo de MSE. Por fim, em HE6 e HE7, a variável dependente corresponde à frequência de consumo de MSE no último mês e as variáveis independentes à satisfação sexual e à satisfação com a relação, respetivamente.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi desenvolvido originalmente para esta investigação (Anexo I). Este visa recolher informações necessárias à caracterização da amostra, bem como controlar a influência de variáveis estranhas nos resultados do estudo.

A informação a recolher compreendeu a idade, sexo, estatuto socioeconómico (Classificação de Graffar), e estatuto conjugal. Integrou ainda 7 questões relativas à idade da primeira relação amorosa, idade da primeira relação sexual, número de parceiros sexuais e número de relacionamentos amorosos até à data, situação de coabitação, tempo

de relacionamento e tempo de coabitação com o parceiro atual e frequência mensal de encontros com o parceiro (no caso de não-coabitação).

3.2.2 Questionário de Consumo de Materiais Sexualmente Explícitos (QCMSE)

O Questionário de Consumo de Materiais Sexualmente Explícitos (QCMSE) (Anexo II) foi desenvolvido originalmente para esta investigação com o propósito de recolher informações relativas aos padrões de consumo de MSE dos participantes.

Este é composto por 9 questões relativas à experiência de consumo de MSE dos participantes em algum momento da sua vida, idade do primeiro contacto com MSE, frequência de consumo no último mês, motivos apontados para o consumo de MSE (com base nos motivos revistos na literatura), conhecimento de consumo de MSE do/a parceiro/a, percepção de consumo excessivo no próprio e no parceiro, experiência de consumo conjunto de MSE com o/a parceiro/a e frequência da mesma.

3.2.3 Questionário sobre Atividade Sexual (QAS)

O QAS (Vilarinho & Nobre, 2006) é um questionário geral sobre a atividade sexual composto por 13 conjuntos de questões e que permite avaliar, através de questões de resposta curta ou alternativa, informações complementares às já recolhidas por outros instrumentos do estudo.

É composto por 13 conjuntos de questões, que visam explorar: frequência da atividade sexual; recurso a atividades auxiliares na atividade sexual; fantasias sexuais responsivas e/ou espontâneas; contexto habitual da atividade sexual; foco de atenção durante a atividade sexual; grau de atração física, emocional e intelectual pelo parceiro; percepção da sensibilidade do parceiro face às suas necessidades e preferências sexuais; história anterior de experiências sexuais não desejadas, forçadas e/ou traumáticas; preocupações habituais durante a atividade sexual; percepção de eventuais dificuldades sexuais; percepção de eventuais dificuldades sexuais no parceiro.

Uma vez que nenhum dos grupos de questões nem o total do questionário visam a obtenção de um *score* total, apenas foram selecionados 3 dos 13 conjuntos de questões: Frequência da atividade sexual (FAS), Grau de atração física (GAF), emocional (GAE) e intelectual (GAI) pelo/a parceiro/a e Percepção do grau de sensibilidade do/a parceiro/a face às suas necessidades e preferências sexuais (PGSP) (Anexo III).

A FAS é avaliada através de uma única questão, na qual os participantes devem indicar, numa escala tipo Likert de 10 pontos, variável entre “Menos de uma vez por ano” e “Duas ou mais vezes por dia”, a frequência da atividade sexual com o parceiro.

Para avaliar o GAF, o GAE e o GAI pelo parceiro, os participantes devem indicar, numa escala tipo Likert de 5 pontos, variável entre “Muitíssimo atraído” e “Muito pouco atraído”, o grau de atração sentido em cada uma das dimensões de atração referidas.

A PGSP é avaliada através de uma única questão, na qual os participantes devem indicar numa escala tipo Likert de 5 pontos, variável entre “Muitíssimo sensível” e “Muito pouco sensível”, o grau de sensibilidade sentido no parceiro.

3.2.4 Inventário de Satisfação Sexual de Golombok-Rust (GRISS)

Para avaliar a satisfação sexual utilizou-se a versão portuguesa do *Golombok-Rust Inventory of Sexual Satisfaction* (GRISS - Rust & Golombok, 1986), traduzida e adaptada por Vilarinho (2010).

O GRISS fornece uma pontuação global que corresponde a um índice total de insatisfação sexual, traduzida por valores elevados em cada uma das dimensões e no total do inventário.

O GRISS apresenta duas versões, uma versão feminina e uma versão masculina, com itens adaptados a cada sexo, e que podem ser aplicadas a casais heterossexuais ou a indivíduos em relações amorosas (Rust & Golombok, 1985; 1986). A versão feminina encontra-se traduzida e adaptada para a população portuguesa (Vilarinho & Nobre, 2006; Vilarinho, 2010) e a versão masculina encontra-se apenas traduzida (Vilarinho & Nobre, 2006). Em cada versão, o GRISS é composto por 28 itens que podem ser respondidos de acordo com uma escala tipo Likert de 5 pontos, variável entre 1 = Nunca e 5 = Sempre.

Os 28 itens agrupam-se em 7 subescalas: 5 subescalas comuns a ambas as versões e 2 subescalas específicas para cada versão e que correspondem a disfunções sexuais: Vaginismo e Anorgasmia na versão feminina e Impotência e Ejaculação Precoce na versão masculina. Estas duas subescalas não serão consideradas na presente investigação.

As restantes 5 subescalas, comuns à versão feminina e masculina, são: Evitamento (E), Insatisfação (I), Não Atividade (NA), Não Sensualidade (NS) e Não Comunicação (NC). A subescala de Não Atividade não será considerada nesta investigação, uma vez que a frequência da atividade sexual já é avaliada no QAS (Vilarinho & Nobre, 2006).

Nos estudos originais (Rust & Golombok, 1985; 1986), o GRISS apresentou um coeficiente alfa de Cronbach de .94 e .87 para o total do inventário feminino e masculino, respetivamente. Para as subescalas, a consistência interna foi também elevada, com coeficiente alfa de Cronbach desde .61, na subescala Não Comunicação, até .83, na subescala Anorgasmia, e um valor médio de .74. Os valores obtidos no teste-reteste, .65 para a escala total feminina e .75 para a escala total masculina, permitem afirmar a adequada estabilidade temporal do inventário (Rust & Golombok, 1986).

Em investigações realizadas com amostras portuguesas, o GRISS apresentou também boas propriedades psicométricas. Num estudo realizado por Pereira, Fávero, Barbosa-Ducharme e Almeida (2015) numa amostra de 537 estudantes universitários, o GRISS apresentou um bom nível de consistência interna, com o valor total de alfa de Cronbach de .85 na versão feminina e .83 na versão masculina. Na versão feminina, os coeficientes de alfa de Cronbach dos fatores variaram entre .59 (Não Sensualidade) e .74 (Não Atividade) e, na versão masculina entre .47 (Impotência) e .67 (Ejaculação Precoce). O fator “Não Comunicação” constitui-se como exceção, com coeficiente alfa de Cronbach de .21 na versão feminina e .08 na versão masculina.

Vilarinho (2010), numa amostra de 171 mulheres, confirmou também a adequação dos níveis de consistência interna para o total do inventário, com um coeficiente de alfa de Cronbach de .89 e um coeficiente de Spearman-Brown de .88. Os valores de consistência para os vários fatores mostraram-se aceitáveis, com os coeficientes de alfa de Cronbach a variar entre .53 (Anorgasmia) e .75 (Evitamento). Excetua-se novamente o alfa de Cronbach da subescala de “Não Comunicação” (.21). No que concerne ao teste-reteste ($n = 40$), os valores do coeficiente de Pearson apresentam-se significativos ($p < .001$) quer para o total do inventário ($r = .91$), quer para as subescalas (r situado entre .72 e .91). A versão feminina da GRISS pareceu apresentar também boa validade convergente, sustentada em estudos correlacionais com outras medidas de satisfação sexual, nomeadamente com a Medida Global da Satisfação Sexual (GMSEX - Lawrance & Byers, 1998) ($r = -.42$), e com a dimensão Satisfação do FSFI (Rosen, Hall, Korsman & Renberg, 2000) ($r = -.63$), assim como boa estabilidade temporal ($r = .91$ para o total do inventário e r entre .72 e .91 para as subescalas) (Vilarinho, 2010).

No que concerne à versão masculina, os primeiros resultados do estudo de validação, numa amostra de 780 participantes, confirmaram adequados níveis de consistência interna para o total do inventário, com coeficiente alfa de Cronbach de .86 e coeficiente de Spearman-Brown de .75 (Vilarinho & Nobre, 2006, citado por Lucas,

2011). Os valores de consistência interna para as subescalas variam entre .52 na subescala de Não Comunicação e .87 na subescala de Evitamento. Os estudos apresentaram ainda boa estabilidade temporal, com valores do coeficiente de Pearson no teste-reteste significativos tanto para o total do inventário ($r = .83$) e subescalas (r entre .67 e .89).

No presente estudo, por constrangimentos relacionados com a impossibilidade de aplicação online diferenciada para homens e mulheres, os itens que apresentam uma formulação diferente foram adaptados para poderem ser respondidos tanto por homens como mulheres. Como referido, as subescalas relativas às disfunções sexuais femininas, masculinas e a subescala de Não Atividade não foram contempladas. Assim, o número de itens foi reduzido de 28 para 18 e sua a numeração foi alterada (Anexo IV).

Apesar do sistema de cotação original para este instrumento conduzir a resultados invertidos, em que valores superiores traduzem índices mais baixos de satisfação sexual, os resultados desta investigação foram trabalhados e apresentados de forma inversa ao original. Desta forma, valores mais elevados passaram a indicar maior satisfação sexual.

Assim, para a presente versão consideram-se os valores atribuídos para cada resposta: Itens 2, 3, 4, 6, 7, 12, 17 e 18: Nunca = 0, Quase Nunca = 1, Ocasionalmente = 2, Habitualmente = 3 e Sempre = 4. A cotação dos restantes itens é feita de forma inversa.

A versão da GRISS utilizada apresentou $M = 60.53$ e $DP = 6.88$ na amostra feminina e $M = 63.41$ e $DP = 4.29$ na amostra masculina. O valor do coeficiente de alfa de Cronbach foi questionável para a amostra masculina ($\alpha = .65$) e bom para a amostra feminina ($\alpha = .84$). Os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1.

Análise da consistência interna das subescalas do GRISS.

Subescalas	<i>Homens</i>				<i>Mulheres</i>			
	NC	NS	E	I	NC	NS	E	I
Valor de alfa de Cronbach	.38	.26	.21	.65	.50	.57	.65	.60
Valor de alfa de Cronbach (se itens excluídos)		.40	.37	.69		.63	.71	
Itens a excluir		8	9	14		11	9	

^a $n = 52$, ^b $n = 76$.

O quadro anterior mostra que, para a presente amostra, a consistência interna das subescalas que compõe o GRISS apresentou valores muito baixos, a maioria pobres ou inaceitáveis. Após realização da análise da consistência interna das subescalas, caso fossem excluídos itens das mesmas, as mudanças operadas não conduziram a níveis de consistência interna satisfatórios, pelo que a avaliação da satisfação sexual através deste instrumento foi feita apenas com base na pontuação geral do inventário.

3.2.5 Escala de Avaliação da Relação (RAS)

Para avaliar a satisfação com a relação conjugal utilizou-se a versão portuguesa da *Relationship Assessment Scale* (RAS - Hendrick, 1988), traduzida e adaptada por Santos, Brites e Baptista (2004) (Anexo V). Esta constitui-se como uma medida genérica de satisfação nas relações de casal (Hendrick, 1988; Hendrick, Dicke, & Hendrick, 1998).

A RAS corresponde a uma revisão do *Marital Assessment Questionnaire* (MAQ) de Hendrick (1981), que expande a possibilidade de avaliação da satisfação com a relação às relações amorosas no geral, além das relações matrimoniais. A RAS acrescenta 2 itens à versão original de 5 itens do MAQ e as palavras “casamento” foram substituídas por “relacionamento” e “cônjuge” por “parceiro” (Hendrick et al., 1998).

Esta é uma medida de autorrelato, composta por 7 itens, avaliados numa escala tipo Likert de 5 pontos. As descrições dos diferentes níveis variam consoante o conteúdo dos itens (e.g., item 1 – “Pouco” a “Bastante”; item 3 – “Fracá” a “Excelente”). A medida de satisfação com a relação é obtida através da média dos 7 itens. A cotação dos itens 4 e 7 é invertida.

Hendrick e colaboradores (1998), sugerem que valores superiores a 4.0 possam ser indicativos de parceiros satisfeitos, enquanto valores de médias de resposta próximas de 3.5 para homens, e 3.0 a 3.5 para as mulheres, são já, provavelmente, indicativos de uma maior perturbação na relação e, possivelmente, uma considerável insatisfação. A ausência de pontos de corte que permitam a distinção entre sujeitos satisfeitos e insatisfeitos, é apontada por Vaugh e Baier (1999) como uma limitação da Escala.

Não obstante, a RAS apresenta boas propriedades psicométricas. Os estudos originais (Hendrick, 1988), numa amostra de 125 estudantes universitários envolvidos em relações amorosas e numa amostra de 57 casais, indicaram uma elevada fiabilidade da Escala, com coeficiente alfa de Cronbach de .86 e média de correlação inter-itens de .49. Apresentaram ainda boa validade convergente com a *Dyadic Adjustment Scale* (Spanier,

1976; Spanier & Thompson, 1982) ($\alpha = .80$), outra medida de satisfação com a relação, em particular com a subescala de Satisfação Diádica ($\alpha = .83$). Hendrick e colaboradores (1998) concluíram ainda que a RAS apresenta uma fiabilidade de teste-reteste de .85.

Num estudo realizado por Moreira e colaboradores (2006), numa amostra de 264 casais heterossexuais, a RAS demonstrou um coeficiente alfa de Cronbach de .91 para os homens e .93 para as mulheres. De modo semelhante, Lind (2008), numa amostra de 261 casais, obteve um coeficiente alfa de Cronbach de .93 para mulheres e .91 para homens.

Na presente investigação, a RAS apresentou $M = 4.34$ e $DP = .54$ na amostra feminina e $M = 3.95$ e $DP = .53$ na amostra masculina. O valor do coeficiente de alfa de Cronbach mostrou-se questionável para a amostra masculina ($\alpha = .60$) e bom para a amostra feminina ($\alpha = .83$).

3.3 Procedimento

Após aprovação da presente investigação por parte da Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, iniciou-se a elaboração de um protocolo que compreendeu os instrumentos descritos anteriormente.

A recolha da amostra realizou-se entre os meses de janeiro e maio de 2018, através da divulgação online do protocolo em redes sociais. Uma breve descrição dos objetivos do estudo e uma explicação da natureza da participação foram incluídas na mensagem de pedido de participação.

Sujeitos que escolheram participar foram redirecionados para o protocolo online, através da plataforma *Qualtrics*, tendo a oportunidade de ler a Folha de Informação ao Participante (Anexo VI) e aceitar os termos da Declaração de Consentimento Informado (Anexo VII).

Os critérios de inclusão da amostra foram uma idade superior a 18 anos e estar comprometido num relacionamento amoroso heterossexual.

A participação de cada sujeito foi voluntária e foram garantidas a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos.

Capítulo 4. Resultados

Neste capítulo, será realizada a caracterização da amostra e posterior testagem das hipóteses formuladas.

4.1 Caracterização da amostra

A presente amostra é constituída por 128 indivíduos (52 homens e 76 mulheres) que mantêm relações amorosas heterossexuais.

A amostra é maioritariamente constituída por indivíduos do sexo feminino (59.4%), com escolaridade elevada (12 ou mais anos de escolaridade, 96%), solteiros (81.3%) e com nível socioeconómico médio-superior (72.7%). No Quadro 2 são descritos os dados dos participantes relativos às variáveis sociodemográficas.

Quadro 2.

Caracterização sociodemográfica dos participantes.

	<i>Homens^a</i>		<i>Mulheres^b</i>		<i>Total^c</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade (anos)	27.12	6.07	25.25	5.77	26.01	5.95
Anos de estudo concluídos com sucesso	14.88	3.11	15.34	2.15	15.16	2.58
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>Classe Graffar</i>						
I	8	15.4%	15	19.7%	23	18%
II	39	75%	54	71.1%	93	72.7%
III	3	5.8%	7	9.2%	10	7.8%
IV	2	3.8%	0	0%	2	1.6%
V	0	0%	0	0%	0	0%

^a $n = 52$, ^b $n = 76$, ^c $n = 128$.

Quadro 2.

Caracterização sociodemográfica dos participantes (continuação).

	<i>Homens^a</i>		<i>Mulheres^b</i>		<i>Total^c</i>	
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>Estatuto conjugal</i>						
Solteiro/a	43	82.7%	61	80.3%	104	81.3%
Casado/a	5	9.6%	8	10.5%	13	10.2%
União de facto	4	7.7%	7	9.2%	11	8.6%
Restantes estatutos conjugais	0	0%	0	0%	0	0%
<i>Estatuto ocupacional</i>						
Estudante	10	19.2%	26	34.2%	36	28.1%
Trabalhador-estudante	5	9.6%	22	28.9%	27	21.1%
Trabalhador por conta própria	8	15.4%	8	10.5%	16	12.5%
Trabalhador por conta de outrem	27	51.9%	16	21.1%	43	33.6%
Desempregado	2	3.8%	4	5.3%	6	4.7%
Restantes estatutos ocupacionais	0	0%	0	0%	0	0%

^a n = 52, ^b n = 76, ^c n = 128.

O leque profissional dos participantes, de acordo com a Classificação Portuguesa de Profissões – CPP (Instituto Nacional de Estatística, 2011), é muito heterogéneo, havendo distribuição da amostra por todos os Grandes Grupos propostos pela CPP. Dos 118 participantes que indicaram a sua profissão atual ou a última que desempenharam (no caso de desemprego) ou as dos seus pais (no caso de serem estudantes), o grupo profissional mais representado foi o 2 – Especialistas de Atividades Intelectuais e Científicas (50.8%), seguido dos grupos 5 – Trabalhadores de Serviços Pessoais e de Proteção (17.8%) e 3 – Técnicos e Profissões de Nível Intermédio (14.4%).

Relativamente à história individual de namoros e vida sexual, a idade da primeira relação amorosa foi entre os 10 e os 22 anos ($M = 15.75$, $DP = 2.21$) para os homens e entre os 12 e os 29 anos ($M = 15.71$, $DP = 2.80$) para as mulheres, sendo que o número de relacionamentos amorosos até à data variou entre 1 e 20 ($M = 5.40$, $DP = 4.35$) para os homens e entre 1 e 25 ($M = 4.33$, $DP = 3.48$) para as mulheres. Quanto à idade da primeira relação sexual, esta ocorreu entre os 12 e os 22 anos ($M = 16.77$, $DP = 2.12$) nos homens e entre os 13 e os 29 anos ($M = 17.32$, $DP = 2.82$) nas mulheres, sendo que o

número de parceiros sexuais, incluindo o parceiro atual, variou entre 1 e 21 ($M = 6.49$, $DP = 5.32$) para os homens e 1 e 15 ($M = 4.30$, $DP = 3.15$) para as mulheres.

Em relação à história da relação com o parceiro atual, 35.2% dos participantes encontram-se em situação de coabitação, dos quais 46.7% são solteiros, 28.9% são casados e 24.4% encontram-se em união de facto. Quanto aos restantes 64.8% que não coabitam, a maioria dos participantes (32.9%) reportou encontrar-se 3 a 4 vezes por semana com o parceiro.

Os tempos de relacionamento e coabitação dos participantes são descritos no Quadro 3.

Quadro 3.

Tempo de relacionamento e coabitação (meses) dos participantes por estatuto conjugal.

	Tempo de relacionamento (meses)				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
Solteiros	104	28.67	22.12	1	108
Casados	13	172.62	137.83	12	468
União de Facto	11	72.45	61.91	12	180
Total	128	47.05	66.63	1	468
	Tempo de coabitação (meses)				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
Solteiros	21	15.76	16.50	4	60
Casados	13	105.58	91.55	1	324
União de Facto	11	43.18	63.12	1	168
Total	45	47.11	68.03	1	324

O quadro anterior mostra que os tempos médios de relacionamento mais longos se encontram entre indivíduos casados, assim como os tempos médios de coabitação. Por outro lado, os tempos médios de relacionamento, tal como os de coabitação, são menores em indivíduos solteiros.

Relativamente às variáveis avaliadas no QCMSE, 90.6% da amostra reportou ter consumido MSE em algum momento da sua vida; 100% no caso dos homens e 84.2% no caso das mulheres. O primeiro contacto com estes materiais ocorreu entre os 5 anos e os 19 anos nos homens ($M = 13.22$, $DP = 2.53$) e entre os 8 anos e os 21 anos nas mulheres ($M = 15.66$, $DP = 2.71$).

Dos 116 participantes que reportaram ter visualizado MSE em algum momento da sua vida, 76.9% dos homens e 53.3% das mulheres reportaram ter consumido MSE no último mês. Entre os homens, 13.7% consideraram consumir em excesso estes materiais, enquanto nenhuma das mulheres participantes considerou o seu consumo excessivo.

Relativamente à frequência do consumo de MSE no último mês, 40% dos homens fizeram-no com uma frequência de 3-4 vezes por semana e 15% reportaram consumir com uma frequência igual ou superior a 1 vez por dia. A frequência do consumo de MSE para a maioria das mulheres foi de 1-2 vezes por mês (68.6%). Apenas 2.9% reportou consumir MSE 1-2 vezes por semana.

Relativamente aos motivos de consumo de MSE, os mais frequentes para os homens foram a estimulação sexual (masturbação) (67.3%), curiosidade (42.3%), relaxamento/redução do stress (42.3%), solidão (28.8%), aborrecimento (17.3%), enquanto parte integrante do relacionamento sexual com a parceira (11.5%) e diferenças no apetite sexual da parceira (11.5%). Motivos menos frequentes incluíram a presença de fantasias consideradas desadequadas (3.8%), diferenças na excitação sexual provocada pelos MSE e pela parceira (3.8%), problemas com a relação (3.8%) e problemas físicos próprios (1.9%).

Para as mulheres, os motivos mais frequentemente reportados foram a curiosidade (60.9%), estimulação sexual (masturbação) (50%), relaxamento/redução do stress (31.3%), enquanto parte integrante do relacionamento sexual com o parceiro (25%), solidão (17.2%) e aborrecimento (14.1%). Motivos menos frequentes incluíram apenas a presença de fantasias consideradas desadequadas (4.7%).

Do total de participantes, 38.5% dos homens e 47.4% das mulheres reportaram ter conhecimento do consumo de MSE dos parceiros, sendo que nenhum participante considerou o consumo do parceiro excessivo.

Dos participantes que reportaram ter consumido MSE alguma vez na sua vida, 28.4% reportou tê-lo feito alguma vez com o parceiro. Dos participantes que reportaram ter consumido MSE no último mês, 68% reportaram consumir apenas de forma solitária, enquanto nos restantes 32% houve também consumo com o parceiro. A frequência média de consumo conjunto foi de 1-2 vezes por mês ($M = 2.22$, $DP = .81$). Os dados relativos ao consumo de MSE dos participantes no último mês são descritos no Quadro 4.

Quadro 4.

Consumo de MSE no último mês em função das variáveis sociodemográficas dos participantes.

	<i>Total</i>	<i>Não-consumo^a</i>		<i>Consumo (último mês)^b</i>	
		<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>Sexo</i>					
Feminino	76	41	53.9%	35	46.1%
Masculino	52	12	23.1%	40	76.9%
<i>Grupos etários</i>					
Menos de 24 anos	56	24	42.9%	32	57.1%
Entre 24 e 27 anos	41	16	39%	25	61%
Mais de 27 anos	31	13	49.1%	18	58.1%
<i>Estatuto conjugal</i>					
Solteiro/a	104	40	61.5%	64	38.5%
Casado/a	13	8	61.5%	5	38.5%
União de facto	11	5	45.5%	6	54.5%
<i>Coabitação</i>					
Sim	45	25	55.6%	20	44.4%
Não	83	28	33.7%	55	66.3%

^an = 53, ^bn = 75.

Em relação às variáveis avaliadas no QAS, a maioria dos participantes reportou uma frequência da atividade sexual de 2 ou mais vezes por semana (42.2%).

O grau de atração sentido pelo parceiro foi avaliado ao nível da atração física (GAF), intelectual (GAI) e emocional (GAE). A maioria dos participantes considerou sentir-se “Muitíssimo atraído” pelo parceiro a nível físico (50%), intelectual (61.7%) e emocional (71.9%).

A maioria dos participantes classificou o PGSP como “Muitíssimo sensível” (39.8%) e “Bastante sensível” (39.1%).

4.2 Análise estatística

Para proceder à análise estatística dos dados obtidos através da aplicação dos instrumentos, foi utilizado o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 24.

Para caracterizar a amostra, recorreu-se à estatística descritiva, determinando-se a média, o desvio-padrão, e os valores mínimo e máximo (variáveis contínuas), ou calculando-se frequências e percentagens (variáveis categoriais/dicotómicas).

Na análise inferencial, o teste de hipóteses de HE1 foi realizado através da análise estatística do teste Qui-Quadrado (para variáveis categoriais e ordinais) e do Teste *t* de Student para amostras independentes. As restantes hipóteses foram testadas com recurso à análise de regressão linear múltipla. O nível de significância para aceitar ou rejeitar a hipótese nula foi fixado em $\alpha = .05$.

As variáveis dependentes foram submetidas à testagem de ajustamento da distribuição normal através da análise da simetria e kurtose, histogramas e QQ-Plots, concluindo-se que os desvios apenas foram suficientemente significativos para inviabilizar as análises de regressão num indivíduo do sexo masculino, que foi eliminado da análise. Na análise de regressão múltipla foi também considerado o problema da multicolinearidade, tendo sido analisados os limites de tolerância ($< .1$) e de VIF (> 10). As variáveis do tipo categorial foram transformadas em variáveis Dummy. Na construção dos modelos foi também considerado o número adequado de variáveis predictoras (independentes) para o número de sujeitos da amostra.

Após estes procedimentos, foi possível testar as hipóteses formuladas para a presente investigação. Os resultados obtidos serão posteriormente discutidos no Capítulo 5 – Discussão.

4.3 Testagem das hipóteses gerais

4.3.1 Testagem de HG1

A primeira hipótese geral assume que o consumo de MSE tem um impacto significativo na satisfação sexual dos participantes.

Para avaliar esta hipótese nas mulheres, foram construídos 4 modelos: o Modelo 1 contemplou a idade e a escolaridade; o Modelo 2 acrescentou a situação de coabitação,

o grau de compromisso da relação, o tempo de relacionamento, o tempo de coabitação, o número de relações amorosas e o número de parceiros sexuais; o Modelo 3 acrescentou a FAS, o GAF, GAI e GAE e o Modelo 4 acrescentou o consumo de MSE (Anexo VIII). A variável “Tempo de coabitação” foi eliminada da análise por apresentar multicolinearidade elevada.

A análise dos dados revelou que o Modelo 4 explicou 45.3% da variância estatística da variável dependente. No entanto, este modelo não é estatisticamente significativo $F(1, 63) = .120, p = .73$. Desta forma, o consumo de MSE parece não ser um preditor significativo da (in)satisfação sexual feminina ($\beta = .036, p = .73$). O Modelo 3, contudo, oferece um contributo significativo para o aumento da percentagem de variância explicada ($R^2 = .452$), $F(4, 64) = 10.647, p = <.001$. Após análise mais aprofundada deste modelo, concluiu-se que apenas o número de parceiros sexuais ($\beta = .287, p = .002$), a FAS ($\beta = .313, p = .007$) e o GAI ($\beta = .428, p = <.001$) se constituiu como preditor significativo da satisfação sexual feminina.

Para avaliar esta hipótese nos homens construíram-se também 4 modelos, com um número de preditores mais reduzido devido ao menor número de sujeitos em comparação com a amostra feminina: o Modelo 1 contempla a idade e a escolaridade; o Modelo 2 acrescenta o grau de compromisso da relação, o tempo de relacionamento e o número de relacionamentos amorosos; o Modelo 3 acrescenta a FAS, o GAF, GAI e GAE e o Modelo 4 acrescenta o consumo de MSE. (Anexo IX). No Quadro 5 são apresentadas as estatísticas relativas a cada modelo.

Quadro 5.

Regressão linear múltipla para testagem da Hipótese Geral 1 (Homens).

Modelo	R	R ²	R ² ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R ²	Mudança F	gl1	gl2	Signif. Mudança F
1	.140	.020	-.021	4.734	.020	.481	2	48	.621
2	.244	.060	-.045	4.788	.040	.639	3	45	.594
3	.595	.354	.213	4.157	.295	4.677	4	41	.003
4	.662	.439	.299	3.923	.084	6.020	1	40	.019

Ao observar os dados apresentados, conclui-se que o Modelo 4 explicou 43.9% da variância estatística da satisfação sexual e que é estatisticamente significativo $F(1, 40)$

= 6.020, $p = .019$, predizendo assim um aumento significativo da percentagem de variância explicada. Assim, a inclusão do Modelo 4 na análise de regressão linear múltipla identificou o consumo de MSE como um preditor significativo da insatisfação sexual masculina ($\beta = -.329$, $p = .019$), assim como uma menor FAS ($\beta = .414$, $p = .002$).

Desta forma, HG1 foi parcialmente reforçada, uma vez que a inclusão da variável “Consumo de MSE” no Modelo 4 apenas ofereceu um contributo significativo na percentagem de variância explicada da satisfação sexual masculina.

4.3.2 Testagem de HG2

A segunda hipótese geral assume que o consumo de MSE tem um impacto significativo na satisfação com a relação.

Para avaliar esta hipótese nas mulheres, construíram-se 4 modelos: o Modelo 1 contemplou a idade e a escolaridade; o Modelo 2 incluiu a situação de coabitação, o grau de compromisso da relação, o tempo de relacionamento, o número de relações amorosas e o número de parceiros sexuais; o Modelo 3 acrescentou a FAS, o GAF, GAI, GAE e PGSP e o Modelo 4 acrescentou o consumo de MSE (Anexo X). A variável “Tempo de coabitação” foi eliminada da análise por apresentar multicolinearidade elevada.

A análise dos dados permitiu concluir que o Modelo 4 permitiu explicar 38.2% da variância estatística da satisfação com a relação, mas que este aumento na percentagem de variância explicada não foi estatisticamente significativo, $F(1, 61) = 1.093$, $p = .30$. Desta forma, o consumo de MSE parece não ser um preditor significativo da (in)satisfação das mulheres com relação ($\beta = -.117$, $p = .30$). Contudo, o Modelo 3 consegue prever um aumento significativo na percentagem de variância explicada ($R^2 = .371$), $F(5, 62) = 6.304$, $p < .001$. Após análise mais aprofundada deste modelo, concluiu-se que o GAE ($\beta = .243$, $p = .05$) e o PGSP ($\beta = .331$, $p = .002$) se constituíram como preditores significativos da satisfação feminina com a relação.

Para avaliar esta hipótese nos homens foram também construídos 4 modelos: o Modelo 1 incluiu a idade e a escolaridade; o Modelo 2 acrescentou o grau de compromisso da relação, o tempo de relacionamento e o número de relacionamentos amorosos; o Modelo 3 o GAF, GAI, o GAE e o PGSP e o Modelo 4 acrescentou o consumo de MSE (Anexo XI).

Após a análise dos dados obtidos, concluiu-se que o Modelo 4 explicou 51.4% da variância estatística da variável dependente, mas que não contribuiu significativamente

para o aumento da percentagem de variância explicada, $F(1, 40) = 1.352, p = .25$. Desta forma, o consumo de MSE parece não ser um preditor significativo da (in)satisfação masculina com a relação ($\beta = .146, p = .25$). Contudo, o Modelo 3 consegue prever um aumento significativo na percentagem de variância explicada ($R^2 = .387$), $F(4, 41) = 9.381, p < .001$. Após análise mais aprofundada deste modelo, concluiu-se que o GAE ($\beta = .491, p < .001$) e o PGSP ($\beta = .369, p = .003$) se constituíram como preditores significativos da satisfação masculina com a relação.

Assim, HG2 foi rejeitada, uma vez que a inclusão da variável “Consumo de MSE” no Modelo 4 não ofereceu um contributo significativo na percentagem de variância explicada da satisfação com a relação.

4.4 Testagem das hipóteses específicas

4.4.1 Testagem de HE1

A hipótese específica 1 assume que homens e mulheres diferem nas variáveis relativas ao consumo de MSE: frequência do consumo no último mês, motivos reportados (orientados para o casal vs. solitários), modo de consumo (solitário vs. conjunto), percepção de consumo excessivo e idade do primeiro contacto com MSE.

Para testar esta hipótese, os sujeitos que reportaram nunca ter consumido MSE em algum momento da sua vida ($n = 12$) foram excluídos desta análise (Anexo XII).

A análise dos dados permitiu concluir que os homens consomem mais MSE [$\chi^2(7) = 29.317; p < .001$], que o fazem mais de forma solitária, [$\chi^2(1) = 16.643; p < .001$] e que apresentam uma maior percepção de consumo excessivo [$\chi^2(7) = 8.892; p < .001$] do que as mulheres. As diferenças entre homens e mulheres em relação aos motivos de consumo foram marginalmente significativas [$\chi^2(1) = 3.383; p < .07$].

A análise para a diferença de médias entre a variável “Género” e a variável “Idade do primeiro contacto com MSE” foi realizada através do teste t de Student. Esta análise revelou que as diferenças entre homens e mulheres na idade do primeiro contacto com MSE não foram significativas, $t(107) = -3.636, p = .06$.

Desta forma, HE1 foi parcialmente reforçada, uma vez que homens e mulheres apresentaram diferenças estatisticamente significativas em relação à frequência do consumo de MSE, modo de consumo e percepção de consumo excessivo, mas não em relação aos motivos de consumo e à idade do primeiro contacto com MSE.

4.4.2 Testagem de HE2

A hipótese específica 2 assume que as variáveis da relação atual (grau de compromisso do relacionamento e duração do relacionamento) oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação sexual. Para testar esta hipótese, utilizaram-se os modelos desenvolvidos para a HG1.

Como referido, na análise de regressão linear múltipla realizada para a testagem de HG1 nas mulheres (Anexo VIII), o Modelo 4 não ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada ($R^2 = .453$), $F(1, 63) = .120$, $p = .73$. Analisou-se, então, o Modelo 3 ($R^2 = .452$), que apresentou significância estatística, $F(4, 64) = 10.647$, $p < .001$. Neste modelo, as variáveis “Estatuto conjugal” ($\beta = -.030$, $p = .84$) e “Tempo de relação” ($\beta = .122$, $p = .47$) não foram estatisticamente significativas.

Para a amostra masculina, e como referido anteriormente, na regressão linear múltipla realizada para a satisfação sexual dos homens (Anexo IX), o Modelo 4 ofereceu um aumento significativo na percentagem de variância explicada ($R^2 = .371$), $F(1, 40) = 6.020$, $p = .019$. Neste modelo ($R^2 = .439$), as variáveis “Estatuto conjugal” ($\beta = .048$, $p = .80$) e “Tempo de relação” ($\beta = -.185$, $p = .44$) não foram estatisticamente significativas.

Desta forma, rejeitou-se HE2, uma vez que as variáveis “Grau de compromisso do relacionamento” e “Duração do relacionamento” não ofereceram um contributo significativo na explicação da variância estatística da satisfação sexual.

4.4.3 Testagem de HE3

A hipótese específica 3 assume que as variáveis da relação atual (grau de compromisso do relacionamento e duração do relacionamento) oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação com a relação.

Como referido, na análise de regressão linear múltipla realizada para a testagem de HE2 nas mulheres (Anexo X), o Modelo 4 não ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada ($R^2 = .382$), $F(1, 61) = 1.093$, $p = .30$. Prosseguiu-se à análise do Modelo 3 ($R^2 = .371$), que apresentou significância estatística, $F(5, 62) = 6.304$, $p < .001$. Dentro deste modelo, as variáveis “Estatuto conjugal” ($\beta = .001$, $p = .99$) e “Tempo de relação” ($\beta = .089$, $p = .63$) não foram estatisticamente significativas.

Para a amostra masculina, como referido, na análise de regressão linear múltipla realizada para a testagem de HG2 nos homens (Anexo XI), o Modelo 4 não ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada ($R^2 = .498$), $F(1, 40) = 1.352$, $p = .25$. Analisou-se, então, o Modelo 3 ($R^2 = .514$), que apresentou significância estatística, $(4, 41) = 9.381$, $p < .001$. Neste modelo, as variáveis “Estatuto conjugal” ($\beta = -.220$, $p = .21$) e “Tempo de relação” ($\beta = -.163$, $p = .46$) não foram significativas.

Desta forma, rejeitou-se HE3, uma vez que as variáveis “Grau de compromisso do relacionamento” e “Duração do relacionamento” não ofereceram um contributo significativo na explicação da variância estatística da satisfação com a relação.

4.4.4 Testagem de HE4

A hipótese específica 4 assume que as variáveis do consumo de MSE (idade do primeiro contacto com MSE, motivos associados, modo de consumo – solitário vs. conjunto –, frequência do consumo solitário e em conjunto, percepção de consumo excessivo, desconhecimento do consumo do parceiro) oferecem uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da satisfação sexual.

Para testar esta hipótese, foram retirados da análise os indivíduos que reportaram nunca ter consumido MSE em algum momento da sua vida ($n = 12$). De seguida foram construídos 4 modelos: o Modelo 1 incluiu a idade e a escolaridade; o Modelo 2 acrescentou o número de parceiros sexuais, o número de parceiros amorosos, a idade da primeira relação sexual, a idade da primeira relação amorosa, o estatuto conjugal, o tempo de relacionamento, o tempo de coabitação; o Modelo 3 acrescentou o GAF, GAE, GAI e FAS e o Modelo 4 incluiu as variáveis do consumo de MSE – frequência do consumo no último mês, idade do primeiro contacto com MSE, o modo de consumo (solitário ou em conjunto), os motivos de consumo (orientados para o consumo solitário ou enquanto parte da relação do casal), a percepção de consumo excessivo, o conhecimento de consumo do parceiro e a frequência da visualização conjunta de MSE (Anexo XIII). A variável “Tempo de coabitação” foi retirada da análise por apresentar multicolinearidade elevada.

A análise dos dados demonstrou que o Modelo 4 não ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada da variável dependente ($R^2 = .726$), $F(7, 86) = .507$, $p = .83$. Prosseguiu-se à análise do Modelo 3 que apresentou significância estatística e permitiu explicar 49.3% da variância da variável dependente, $F(4, 93) = 12.422$, $p < .001$. Neste modelo, um maior número de parceiros sexuais ($\beta = -.281$, $p =$

.011), uma maior FAS ($\beta = .272, p = .002$), um maior GAF ($\beta = .181, p = .037$) e um maior GAI ($\beta = .307, p = .001$) conseguiram predizer uma maior satisfação sexual. Por outro lado, o género masculino ($\beta = -.340, p < .001$) conseguiu predizer uma menor satisfação sexual.

Assim, rejeitou-se HE4, uma vez que nenhuma das variáveis do consumo de MSE ofereceu um contributo significativo na explicação da variância da satisfação sexual.

4.4.5 Testagem de HE5

A hipótese específica 5 assume que variáveis do consumo de MSE – idade do primeiro contacto com MSE, frequência do consumo, motivos associados, modo de consumo (solitário vs. conjunto) e desconhecimento do consumo do parceiro – oferecem um contributo significativo para a explicação da variância estatística da satisfação com a relação.

Para testar esta hipótese, foram retirados da análise os indivíduos que reportaram nunca ter consumido MSE em algum momento da sua vida ($n = 12$). Os 4 modelos desenvolvidos na hipótese anterior foram utilizados na testagem de HE5, acrescentando a variável “GPSP” ao Modelo 3 (Anexo XIV). A variável “Tempo de coabitação” foi retirada da análise por apresentar multicolinearidade elevada.

A análise dos dados demonstrou que o Modelo 4 não ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada da variável dependente ($R^2 = .519$), $F(7, 85) = .649, p = .71$. Prosseguiu-se à análise do Modelo 3 ($R^2 = .494$) que apresentou significância estatística, $F(5, 92) = 14.517, p < .001$. Neste modelo, um maior GPSP ($\beta = .367, p < .001$) e um maior GAE ($\beta = .400, p < .001$) constituíram-se como preditores da satisfação com a relação tanto para homens como para mulheres.

Assim, HE5 foi rejeitada, uma vez que nenhuma das variáveis do consumo de MSE contribuiu significativamente para a explicação da variância da satisfação com a relação.

4.4.6 Testagem de HE6

A hipótese específica 6 assume que o grau de satisfação sexual dos participantes oferece uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da frequência de consumo de MSE.

Para avaliar esta hipótese nas mulheres foram construídos 4 modelos: o Modelo 1 incluiu a idade e a escolaridade; o Modelo 2 acrescentou a situação de coabitação, o grau de compromisso da relação, o tempo de relacionamento, o tempo de coabitação, o número de relações amorosas e o número de parceiros sexuais; o Modelo 3 acrescentou o GAF, GAI, GAE e FAS e o Modelo 4 incluiu o índice de satisfação sexual (Anexo XV). A variável “Tempo de coabitação” foi eliminada do modelo por apresentar elevada multicolinearidade.

O Modelo 4 permitiu explicar 19.7% da percentagem de variância da variável dependente, $F(1, 62) = .011, p = .92$. Contudo, nenhum dos modelos conseguiu prever um aumento significativo na percentagem de variância explicada da variável dependente. Desta forma, a (in)satisfação sexual não se constituiu como variável preditora da frequência de consumo de MSE em mulheres.

Para os homens, foram utilizados os mesmos modelos, mas com um número de preditores mais reduzido devido ao menor número de sujeitos em comparação com a amostra feminina. Desta forma, as variáveis “Situação de coabitação”, “Tempo de coabitação” e “Número de parceiros sexuais” foram retiradas da análise (Anexo XVI). As estatísticas relativas a cada modelo são apresentadas na Quadro 6.

Quadro 6.

Regressão linear múltipla para testagem da Hipótese Específica 6 (Homens).

Modelo	R	R ²	R ² ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R ²	Mudança F	gl1	gl2	Signif. Mudança F
1	.124	.015	-.026	.332	.015	.377	2	48	.688
2	.364	.133	.036	.322	.177	2.029	3	45	.123
3	.470	.221	.049	.320	.088	1.154	4	41	.345
4	.588	.323	.153	.302	.102	6.020	1	40	.019

Ao observar o quadro anterior constata-se que o Modelo 4 explicou 32.3% da variância da variável dependente e que foi capaz de prever um aumento significativo na percentagem de variância explicada da variável dependente, $F(1, 40) = 6.020, p = .019$. Assim, a inclusão do Modelo 4 na análise de regressão linear múltipla identificou a insatisfação sexual como um preditor significativo da frequência de consumo de MSE em homens ($\beta = -.397, p = .019$). Após uma análise mais exaustiva do Modelo 4, concluiu-

se que um menor GAE ($\beta = -.352, p = .028$) se constituiu também como preditor da frequência de consumo de MSE em homens, assim como um maior número de relacionamentos amorosos, apesar de apenas marginalmente ($\beta = .332, p = .054$).

Assim, conclui-se que HE6 foi parcialmente reforçada, uma vez que a insatisfação sexual apenas se constituiu como preditor da frequência de consumo de MSE em homens.

4.4.7 Testagem de HE7

A hipótese específica 7 assume que o grau de satisfação com a relação dos participantes oferece uma contribuição significativa para a explicação da variância estatística da frequência de consumo de MSE.

Para avaliar esta hipótese nas mulheres, foram utilizados os 4 modelos de HE6, acrescentando-se a variável “GPSP” ao Modelo 3 (Anexo XVII). A variável “Tempo de coabitação” foi eliminada do modelo por apresentar elevada multicolinearidade.

A análise dos dados demonstrou que o Modelo 4 explicou 21% da percentagem de variância explicada da variável dependente, $F(1, 61) = 1.093, p = .30$, mas que nenhum dos modelos ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada. Desta forma, nenhuma das variáveis independentes conseguiu prever um maior consumo de MSE.

Para os homens, utilizaram-se os mesmos modelos, com um número de preditores mais reduzido devido ao menor número de sujeitos em comparação com a amostra feminina. Desta forma, as variáveis “Situação de coabitação”, “Tempo de coabitação”, “Número de parceiros sexuais” e “FAS” foram retiradas da análise (Anexo XVIII).

A análise dos dados demonstra que o Modelo 4 explicou 25.1% da percentagem de variância explicada da variável dependente, $F(1, 40) = 1.352, p = .25$, mas que, tal como nas mulheres, nenhum dos modelos ofereceu uma alteração significativa na percentagem de variância explicada.

Assim, HE7 foi rejeitada, uma vez que uma maior (in)satisfação com a relação não se constitui como variável preditora da frequência de consumo de MSE.

Capítulo 5. Discussão

Neste capítulo são discutidos os resultados obtidos no presente estudo, considerando os objetivos e as hipóteses colocadas.

A primeira hipótese geral assumiu que o consumo de MSE apresenta um impacto significativo na (in)satisfação sexual dos participantes. A testagem da mesma, através da análise de regressão linear múltipla, possibilitou inferir que esta hipótese foi parcialmente reforçada, uma vez que o consumo de MSE apenas se constituiu como preditor significativo da insatisfação sexual masculina, mas não feminina.

Este resultado corrobora a importância de analisar os impactos do consumo de MSE em função do gênero, dado que as diferenças de gênero têm sido identificadas como uma variável fundamental na compreensão dos efeitos do consumo deste tipo de materiais (e.g., Carroll et al., 2017; Petersen & Hyde, 2011). Este resultado é também consistente com a generalidade das investigações que têm demonstrado que uma frequência de consumo de MSE mais elevada se associa a uma menor satisfação sexual masculina (e.g., Bridges & Morokoff, 2011; Leonhardt & Willoughby, 2017; Newstrom & Harris, 2006).

A testagem da hipótese geral 1 identificou também a FAS como um preditor significativo da satisfação sexual de homens e mulheres, o que é consistente com o referido na literatura (e.g., Doran & Price, 2014; McNulty & Fisher, 2008). A mesma análise, identificou ainda, nos homens, um maior GAF como preditor significativo da satisfação sexual, o que é consistente com o descrito na literatura de que a atração física é tipicamente mais importante para homens do que para mulheres (Buss & Schmitt, 2011, citado por Wright et al., 2018).

Este preditor pode auxiliar também a compreensão dos efeitos do consumo de MSE na satisfação sexual masculina. De acordo com a teoria da comparação social, uma vez que a atração física é mais importante para os homens, é possível que os consumidores de MSE sintam défices na aparência física da parceira (Doran & Price, 2014; Kenrick et al., 1989; Peter & Valkenburg, 2009; Zillmann & Bryant, 1988b) ao observar indivíduos atraentes envolvidos em atos sexuais. De acordo com a teoria dos scripts sexuais, quanto maior o consumo de MSE, maior o recurso ao script sexual pornográfico durante o ato sexual com a parceira (Sun et al., 2016). Desta forma, é possível que o consumo de MSE conduza ao desenvolvimento de expectativas irrealistas e idealizadas das parceiras e dos encontros sexuais o que, quando contrastado com os scripts pornográficos adquiridos, leva a uma falta de interesse e desvalorização da sexualidade do casal.

Uma vez que a satisfação sexual (HG1) das mulheres não foi significativamente afetadas pelo consumo de MSE, é possível que este resultado se deva ao facto de as mulheres consumirem estes materiais com mais moderação. Neste sentido, a investigação tem demonstrado que é o consumo frequente, e não ocasional, que conduz a efeitos adversos (e.g., Morgan, 2011). Ainda, considerando a teoria dos scripts sexuais e a teoria da objetificação, é possível que as mulheres sejam menos sensíveis à incorporação dos conteúdos e mensagens veiculados nos MSE (Newstrom & Harris, 2016) ou que procurem materiais pornográficos mais de acordo com as suas preferências sexuais, não se expondo a materiais que sejam objetificantes, uma vez que a maior auto-objetificação das mulheres tem sido associada uma maior insatisfação sexual e com a relação conjugal (Claudat & Warren, 2014; Zurbriggen et al., 2011).

Por outro lado, uma vez que o consumo de MSE dos parceiros também tem um impacto na satisfação sexual feminina (e.g., Zitzman & Butler, 2009), é possível que estas possam não perceber a insatisfação sexual dos seus parceiros, o que tem sido sugerido como um mediador dos efeitos negativos do consumo de MSE na satisfação sexual e com a relação (Bridges & Morkoff, 201; Clark & Wideman, 2000). Além disso, nenhuma mulher (e nenhum homem) reportou um consumo excessivo no parceiro, outra variável que afeta negativamente a autoestima, satisfação com a relação e satisfação sexual das mulheres (Szymanski et al., 2015; Bridges et al., 2003).

A análise de regressão linear múltipla para a testagem da hipótese geral 2 não conseguiu prever um maior consumo de MSE como preditor significativo da (in)satisfação com a relação conjugal. Contudo, identificou um maior GAE e uma maior PGSP como bons preditores da satisfação com a relação em homens e mulheres.

O efeito observado destas variáveis pode ser pertinentemente explicado à luz do Modelo de Investimento (Rusbult, 1980, 1983) e da Teoria da Vinculação (e.g., Zitzman & Butler, 2009). Segundo o Modelo de Investimento, pessoas satisfeitas com a relação encontram-se mais investidas na mesma e mais comprometidas com o parceiro. Desta forma, a percepção do grau de sensibilidade do parceiro face às necessidades e preferências sexuais pode ser entendido como uma forma de investimento na relação. Por outro lado, o GAE e o PGSP contribuem também para a manutenção do compromisso e do fortalecimento do vínculo conjugal, permitindo uma intimidade autêntica, atenta e responsiva entre parceiros.

Diferenças de género importantes têm sido também identificadas no que diz respeito aos padrões de consumo de MSE. Em particular, uma frequência de consumo

mais elevada, um maior consumo solitário (vs. em conjunto com o parceiro), motivos de consumo orientados para necessidades individuais (vs. orientados para o casal), uma maior perceção de consumo excessivo e uma idade do primeiro contacto com MSE mais precoce têm sido associados ao género masculino (e.g., Albright, 2008; Bridges & Morokoff, 2011; Daneback et al., 2009; Daspe, 2017). Na presente investigação, ao analisar estas diferenças de género (HE1), concluiu-se que homens e mulheres diferem significativamente em relação às variáveis enumeradas, com exceção da idade do primeiro contacto com MSE e dos motivos de consumo.

Em relação aos motivos de consumo, a estimulação sexual (masturbação) foi indicada como o principal motivo de consumo de MSE masculino (67.3%), seguido da curiosidade (42.3%) e do aborrecimento (42.3%). Nas mulheres, a curiosidade foi indicada como o principal motivo de consumo de MSE (60,9%), seguido da estimulação sexual (masturbação) (50%) e do relaxamento/redução do stress (31.3%). Apenas 11,5% dos homens e 25% das mulheres reportaram consumir MSE enquanto parte da relação sexual com o parceiro. Assim, os presentes resultados parecem convergir com o observado por Daneback e colaboradores (2009) e Gaspar e Carvalheira (2012), em que apenas 15% dos casais e 8.7% das mulheres, respetivamente, reportaram consumir MSE enquanto parte da relação sexual com o parceiro ou com o objetivo de melhorar a relação sexual do casal. Isto sugere que, no presente estudo, tanto o consumo de homens como o de mulheres é mais orientado para necessidades individuais. Estes resultados afastam-se simultaneamente dos resultados de Bridges e Morokoff (2011) e de Albright (2008) que sugerem que o consumo feminino de MSE é mais orientado para o casal, enquanto o consumo masculino é mais motivado por necessidades individuais. Face a estes resultados, considera-se pertinente colocar a hipótese de existirem padrões de consumo de MSE culturalmente distintos (i.e., Europa vs. Estados Unidos), uma vez que os estudos de Bridges e Morokoff (2011) e Albright (2008) foram realizados em amostras norte-americanas, enquanto os de Daneback e colaboradores (2009) e de Gaspar e Carvalheira (2012) se realizaram em amostras norueguesas e portuguesas, respetivamente. No entanto, esta hipótese carece de fundamentação.

Destaca-se também como resultado interessante o facto de o motivo mais comumente reportado pelas mulheres ser a curiosidade. Uma hipótese possível para este resultado prende-se com uma possível interferência do tabu em torno da masturbação e da vivência da sexualidade feminina. É possível que as mulheres, por sentirem desconforto relativamente aos seus comportamentos autoeróticos, tenham selecionado a

hipótese “Curiosidade” para substituir a escolha da “Masturbação”. Por outro lado, uma vez que a aprendizagem de coisas novas sobre sexo ou o auxílio da fantasia não foram incluídas na lista dos motivos apresentados aos participantes, é possível que a escolha da “Curiosidade” possa substituir estas opções. Neste sentido, apesar de não ter sido avaliado nesta investigação, e porque o consumo de pornografia não se associou a uma satisfação sexual diminuída nas mulheres, é possível ainda que este consumo se constitua como uma ferramenta de aprendizagem e exploração de preferências e comportamentos sexuais que poderão (ou não) ser desenvolvidos ou transpostos para a relação sexual com o parceiro. É também possível que a visualização de MSE ofereça às mulheres novas formas de se sentirem mais atraentes ou competentes sexualmente, criando um tipo de “efeito Viagra” (Albright, 2008), enquanto, como observado, o consumo masculino tende a ser mais orientado para a satisfação de uma necessidade autoerótica.

A curiosidade foi também um motivo frequentemente reportado pelos homens. No entanto, coloca-se a hipótese de que, uma vez que a satisfação sexual masculina se mostrou afetada pelo consumo de MSE, a curiosidade se constitua, à luz do Modelo de Investimento (Rusbult, 1980, 1983), como uma forma de “inspecionar” alternativas mais atraentes, retirando assim o foco da relação sexual com a parceira.

Além de um consumo de MSE mais frequente (e.g., Minarcik et al., 2016), um maior consumo solitário (e.g., Cooper et al., 2004), a presença exclusiva de motivos de consumo orientados para necessidades individuais (e.g., Maddox et al., 2011), uma maior perceção de consumo excessivo e uma idade do primeiro contacto com MSE mais precoce (e.g., Daspe et al., 2017) têm também sido propostas como variáveis importantes na explicação dos efeitos do consumo de MSE observados na satisfação sexual e com a relação. No entanto, estas variáveis não se constituíram como preditores significativos da satisfação sexual (HE4) ou com a relação (HE5) na presente investigação.

Uma possibilidade é que estas variáveis não foram suficientes para explicar a (in)satisfação sexual e a (in)satisfação com a relação dos participantes.

Outras variáveis poderão explicar estes efeitos. Por exemplo, é possível que os participantes apresentem atitudes mais permissivas e de maior aceitação em relação ao consumo de MSE dos parceiros, o que tem sido proposto como uma variável atenuante dos efeitos deste consumo nas relações de casal (e.g., Carroll et al., 2008). Neste sentido, quase metade da amostra (43.8%) reportou ter conhecimento do consumo do parceiro, o que sugere que este comportamento possa ser falado entre o casal. Isto pode constituir-se como um aspeto positivo e explicativo dos resultados observados, uma vez que a

comunicação sexual foi já identificada como preditor da satisfação sexual (Velten & Margraf, 2017) e que o conhecimento dos padrões de consumo de MSE dos parceiros se tem associado a efeitos positivos nas relações de casal (e.g., abertura no diálogo sobre a sexualidade, desejos e fantasias sexuais do casal) (Daneback et al., 2009), por oposição a padrões de encobrimento (Finkenauer et al., 2009, citado por Carroll et al., 2017).

Outras variáveis, como o conteúdo dos MSE consumidos (e.g., MSE mais degradantes e objetificantes vs. MSE que retratam homens e mulheres como iguais), podem ter um papel importante na explicação dos efeitos observados (Bridges & Morokoff, 2011). Em particular, a pornografia violenta ou degradante tem sido associada a numerosos efeitos adversos que incluem a aceitação de papéis de género mais tradicionais e restritivos (Garcia, 1986, citado por Bridges & Morokoff, 2011), o aumento de comportamentos agressivos dirigidos às mulheres (Hall, Hirschman, & Oliver, 1994, citado por Bridges & Morokoff, 2011), menores sentimentos de amor pelos parceiros românticos (Kenrick et al., 1989) e uma menor satisfação sexual com os parceiros (Zillmann & Bryant, 1988b). Por outro lado, MSE que retratam homens e mulheres como iguais têm sido associados a mais efeitos neutros e positivos, incluindo reações emocionais positivas em consumidoras do sexo feminino (Senn & Radtke, 1990, citado por Bridges & Morokoff, 2011) ou uma maior excitação sexual (Mosher & McIan, 1994, citado por Bridges & Morokoff, 2011). Neste sentido, é possível que a insatisfação sexual observada nos homens se possa dever a um maior recurso a materiais pornográficos mais objetificantes, degradantes e impessoais, enquanto as mulheres, com o surgimento da pornografia mais feminista e mais igualitária como alternativa aos MSE tradicionais, possam recorrer mais a estes, afastando-se assim das construções estereotipadas de mulheres e encontros sexuais com os quais não se identificam.

Procurou-se igualmente avaliar em que medida o tempo de coabitação e o grau de compromisso com a relação (i.e., indivíduos solteiros vs. indivíduos casados ou em união de facto) se constituem como preditores da satisfação sexual (HE2) e com a relação (HE3). Apesar de estas duas variáveis terem sido associadas à satisfação sexual e com a relação (e.g., Sanchez-Fuentes et al., 2014), ambas as hipóteses foram rejeitadas. Uma possível explicação para estes resultados prende-se com a falta de heterogeneidade na representatividade de cada estatuto conjugal na amostra, sendo que apenas 24 participantes apresentavam um grau mais elevado de compromisso, por oposição a 104 indivíduos com menor grau de compromisso.

Por fim, uma vez que a insatisfação sexual e com a relação têm sido identificadas na literatura não só como consequências, mas também como preditores do consumo de MSE (e.g., Daspe et al., 2017; Muusses et al., 2015), as HE6 e HE7 procuraram determinar se o grau de satisfação sexual e o grau de satisfação com a relação, respetivamente, se constituíam como variáveis predictoras de um maior consumo de MSE. As análises de regressão realizadas permitiram constatar que uma maior insatisfação sexual se constituiu como preditor significativo de um maior consumo de MSE nos homens, mas não nas mulheres. Uma maior (in)satisfação com a relação em homens e mulheres não foram associadas a um maior consumo de MSE, apesar de estudos, como o de Muusses e colaboradores (2015), terem concluído que existe um efeito bidirecional entre o consumo de MSE masculino e o ajustamento e satisfação com a relação.

Já o resultado de HE6 é compatível com uma relação bidirecional, já descrita na literatura, entre a insatisfação sexual masculina e o consumo de MSE, em que o consumo de MSE é superior em homens que se encontram mais insatisfeitos com os seus relacionamentos (Maddox et al., 2017, Poulsen et al., 2013). Apesar de não terem sido avaliados aspetos da relação sexual e conjugal que possam traduzir uma maior insatisfação neste domínio (e.g., conflito, hostilidade, comunicação negativa) (e.g., Manning, 2006), este resultado parece sugerir que o consumo de MSE pode oferecer uma alternativa para escapar de uma vida sexual e conjugal consideradas insatisfatórias ou frustrantes (Daspe et al., 2017).

Além da satisfação sexual, um menor GAE e um maior número de relacionamentos amorosos (apesar de marginalmente) também foram capazes de predizer um maior consumo de MSE nos homens. O número de parceiros sexuais foi já identificado como preditor significativo de um maior consumo de MSE em homens (Maddox et al., 2011; Poulsen et al., 2013). Neste sentido, é possível que a vivência da sexualidade com um maior número de parceiras reforce a ideia de que uma maior satisfação sexual pode ser atingida com a diversidade. Por outro lado, se a atração emocional se encontra menos fortalecida nos homens e existe um menor compromisso e investimento no relacionamento, é possível que a qualidade das alternativas disponíveis se torne mais apelativa (Rusbult, 1980, 1983), levando a um desligamento e desvinculação emocional e psicológica na relação com a parceira, à menor compreensão da sexualidade no seu contexto relacional e, conseqüentemente, à procura de alternativas mais satisfatórias ao relacionamento atual.

Capítulo 6. Conclusão

O objetivo basilar deste estudo exploratório foi caracterizar os padrões de consumo de MSE e compreender o seu impacto na satisfação sexual e a satisfação com a relação de homens e mulheres.

Os resultados principais apontaram para um maior impacto do consumo de MSE na satisfação sexual masculina, mas não feminina. A satisfação com a relação também não foi afetada pelo consumo de MSE em homens e mulheres. Diferenças de género importantes foram também encontradas. Quando comparados com as mulheres, os homens consomem MSE com uma frequência superior, fazem-no de forma mais solitária e são mais prováveis de considerar consumir MSE excessivamente. Por outro lado, tanto homens como mulheres parecem consumir menos MSE enquanto parte da relação sexual do casal, sendo este consumo mais orientado para necessidades individuais. Nos homens, a satisfação sexual constitui-se também não só como variável dependente, mas também como variável preditora de um maior consumo de MSE, uma vez que foi observado um efeito explicativo entre estas duas variáveis em ambos os sentidos: o consumo de MSE contribuiu para uma maior insatisfação sexual masculina e, simultaneamente, homens mais insatisfeitos sexualmente reportaram consumir mais MSE.

Diversas limitações foram identificadas na presente investigação. A primeira limitação prende-se com o tamanho da amostra e com o tipo de amostragem. A recolha dos dados foi feita através de uma amostra de conveniência, o que compromete a generalização dos resultados. Comparativamente à população geral, não foi possível recolher dados de indivíduos heterogeneamente distribuídos pelas variáveis demográficas avaliadas (e.g., estatuto socioeconómico, escolaridade, idade, estatuto conjugal). Por outro lado, um maior número de participantes, em particular do sexo masculino, permitiria a realização das regressões lineares múltiplas com um maior número de variáveis preditores, enriquecendo assim a análise.

A segunda limitação prende-se com a qualidade dos instrumentos utilizados. Por um lado, a ausência de um instrumento validado para avaliar o consumo de MSE coloca-se como uma ameaça à validade do estudo. Por outro, o facto de a análise de consistência interna para as escalas utilizadas se ter mostrado questionável para a amostra masculina, implica que os resultados relativos ao sexo masculino devem ser interpretados cuidadosamente.

A terceira limitação prende-se com o facto de só ter sido possível encontrar dois estudos sobre o tema em amostras portuguesas (Lopes, 2014; Gaspar & Carvalheira, 2012), ambas não representativas da população. Isto também se constitui como uma limitação, uma vez que dificulta a comparação dos resultados obtidos com outros estudos realizados na população portuguesa.

Por fim, a quarta limitação prende-se com a própria natureza da investigação. Por se tratar de uma investigação relacionada com a sexualidade humana e, em particular, com um comportamento que pode ser entendido como desviante por alguns, é possível que a incidência e frequência do consumo de pornografia possam ter sido subnotificadas. Desta forma, a natureza de autorrelato dos instrumentos também se constitui como uma limitação.

No futuro, seria interessante que a investigação se direccionasse para o impacto do consumo de MSE nas relações de casal homossexuais ou em amostras clínicas de casais que procuram ajuda por uma adição a pornografia num dos parceiros. Seria também interessante documentar o impacto deste consumo ao nível da satisfação intrapessoal, em dimensões como a autoestima ou a imagem corporal.

Destaca-se ainda a pertinência de realizar investigações neste âmbito com amostras de casais, uma vez que a participação de ambos os elementos do casal é fundamental para permitir a compreensão dos processos relacionais em termos da influência mútua que existe entre o casal, e não apenas com base nos sentimentos, pensamentos ou comportamentos de um dos elementos. Assim, seria alcançada uma melhor compreensão das associações negativas, positivas ou neutras do consumo de MSE na díade. Investigações futuras deverão também considerar a importância da realização de estudos longitudinais, para poder melhor documentar os impactos do consumo de MSE ao longo do tempo.

Referências Bibliográficas

- Albright, J. M. (2008). Sex in America online: An exploration of sex, marital status, and sexual identity in internet sex seeking and its impacts. *The Journal of Sex Research*, 45(2), 175-186. doi: 10.1080/00224490801987481
- Bergner, R. M., & Bridges, A. J. (2002). The significance of heavy pornography involvement for romantic partners: Research and clinical implications. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(3), 193-206. doi: 10.1080/009262302760328235
- Blais-Lecours, S., Vaillancourt-Morel, M. P., Sabourin, S., & Godbout, N. (2016). Cyberpornography: Time use, perceived addiction, sexual functioning, and sexual satisfaction. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 19(11), 649-655. doi:10.1089/cyber.2016.0364
- Bridges, A. J., & Morokoff, P. J. (2011). Sexual media use and relational satisfaction in heterosexual couples. *Personal Relationships*, 18(4), 562-585. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01328.x
- Bridges, A. J., Bergner, R. M., & Hesson-McInnis, M. (2003). Romantic partner's use of pornography: Its significance for women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29(1), 1-14. doi: 10.1080/00926230390154790
- Buzzell, T. (2005). Demographic characteristics of persons using pornography in three technological contexts. *Sexuality & Culture*, 9(1), 28-48. doi: 10.1007/BF02908761
- Campbell, L., & Kohut, T. (2017). The use and effects of pornography in romantic relationships. *Current Opinion in Psychology*, 13, 6-10. doi: 10.1016/j.copsyc.2016.03.004
- Carroll, J. S., Busby, D. M., Willoughby, B. J., & Brown, C. C. (2017). The porn gap: Differences in men's and women's pornography patterns in couple relationships. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 16(2), 146-163. doi: 10.1080/15332691.2016.1238796
- Carroll, J. S., Padilla-Walker, L. M., Nelson, L. J., Olson, C. D., McNamara Barry, C. N., & Madsen, S. D. (2008). Generation XXX: Pornography acceptance and use among

- emerging adults. *Journal of Adolescent Research*, 23(1), 6-30. doi: 10.1177/0743558407306348
- Clark, C. A., & Wiederman, M. W. (2000). Gender and reactions to a hypothetical relationship partner's masturbation and use of sexually explicit media. *The Journal of Sex Research*, 37(2), 133-141. doi: 10.1080/00224490009552030
- Claudat, K., & Warren, C. S. (2014). Self-objectification, body self-consciousness during sexual activities, and sexual satisfaction in college women. *Body Image*, 11(4), 509-515. doi: 10.1016/j.bodyim.2014.07.006
- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the new millennium. *CyberPsychology & Behavior*, 1(2), 187-193.
- Cooper, A., Galbreath, N., & Becker, M. A. (2004). Sex on the Internet: Furthering our understanding of men with online sexual problems. *Psychology of Addictive Behaviors*, 18(3), 223-230. doi: 10.1037/0893-164X.18.3.223
- Cooper, A., Griffin-Shelley, E., Delmonico, D. L., & Mathy, R. M. (2001). Online sexual problems: Assessment and predictive variables. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 8(3-4), 267-285. doi: 10.1080/107201601753459964
- Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R. M., & Maheu, M. (2002). Toward an increased understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(2), 105-129. doi: 10.1080/00926230252851861
- Cooper, A., Putnam, D. E., Planchon, L. A., & Boies, S. C. (1999). Online sexual compulsivity: Getting tangled in the net. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment and Prevention*, 6(2), 79-104. doi: 10.1080/10720169908400182
- Daneback, K., Træen, B., & Månsson, S. A. (2009). Use of pornography in a random sample of Norwegian heterosexual couples. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 746-753. doi: 10.1007/s10508-008-9314-4
- Daspe, M. È., Vaillancourt-Morel, M. P., Lussier, Y., Sabourin, S., & Ferron, A. (2017). When pornography use feels out of control: The moderation effect of relationship

- and sexual satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 44(4), 343-353. doi: 10.1080/0092623X.2017.1405301
- Doran, K., & Price, J. (2014). Pornography and marriage. *Journal of Family and Economic Issues*, 35(4), 489-498. doi: 10.1007/s10834-014-9391-6
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7(2), 117-140.
- Fincham, F. D., & Bradbury, T. N. (1987). The assessment of marital quality: A reevaluation. *Journal of Marriage and Family*, 49(4), 797-809. doi: 10.2307/351973
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21(2), 173-206.
- Freudiger, P. (1983). Life satisfaction among three categories of married women. *Journal of Marriage and the Family*, 45(1), 213-219. doi: 10.2307/351310
- Gaspar, M. J., & Carvalheira, A. (2012). O consumo de pornografia na internet numa amostra de mulheres Portuguesas. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 163-171. doi: 10.5964/pch.v1i2.27
- Grov, C., Gillespie, B. J., Royce, T., & Lever, J. (2011). Perceived consequences of casual online sexual activities on heterosexual relationships: A US online survey. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 429-439. doi: 10.1007/s10508-010-9598-z
- Gwinn, A. M., Lambert, N. M., Fincham, F. D., & Maner, J. K. (2013). Pornography, relationship alternatives, and intimate extradyadic behavior. *Social Psychological and Personality Science*, 4(6), 699-704. doi: 10.1177/1948550613480821
- Hald, G. M., & Malamuth, N. M. (2008). Self-perceived effects of pornography consumption. *Archives of Sexual Behavior*, 37(4), 614-625. doi: 10.1007/s10508-007-9212-1
- Harkness, E. L., Mullan, B., & Blaszczynski, A. (2015). Association between pornography use and sexual risk behaviors in adult consumers: A systematic

- review. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(2), 59-71. doi: 10.1089/cyber.2014.0343
- Harper, C., & Hodgins, D. C. (2016). Examining correlates of problematic internet pornography use among university students. *Journal of Behavioral Addictions*, 5(2), 179-191. doi: 10.1556/2006.5.2016.022
- Hassebrauck, M., & Fehr, B. (2002). Dimensions of relationship quality. *Personal Relationships*, 9(3), 253-270. doi: 10.1111/1475-6811.00017
- Heiman, J. R., Long, J. S., Smith, S. N., Fisher, W. A., Sand, M. S., & Rosen, R. C. (2011). Sexual satisfaction and relationship happiness in midlife and older couples in five countries. *Archives of Sexual Behavior*, 40(4), 741-753. doi: 10.1007/s10508-010-9703-3
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50(1), 93-98. doi: 10.2307/352430
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(1), 137-142. doi: 10.1177/0265407598151009
- Higgins, J. A., Mullinax, M., Trussell, J., Davidson, J. K. Sr., & Moore, N. B. (2011). Sexual satisfaction and sexual health among university students in the United States. *American Journal of Public Health*, 101(9), 1643-1654. doi: 10.2105/AJPH.2011.300154
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010 (versão 2011)*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Johnson, S. M., Makinen, J. A., & Millikin, J. W. (2001). Attachment injuries in couple relationships: A new perspective on impasses in couples therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 27(2), 145-155.
- Kenrick, D. T., Gutierrez, S. E., & Goldberg, L. L. (1989). Influence of popular erotica on judgments of strangers and mates. *Journal of Experimental Social Psychology*, 25(2), 159-167. doi: 10.1016/0022-1031(89)90010-3.

- Klaassen, M. J., & Peter, J. (2015). Gender (in)equality in Internet pornography: A content analysis of popular pornographic Internet videos. *The Journal of Sex Research*, 52(7), 721-735. doi: 0.1080/00224499.2014.976781
- Kohut, T. (2014). *An Empirical Investigation of the Concept of Pornography* (Tese de Doutoramento não publicada). The University of Western Ontario, Ontário, Canadá. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/2063/>
- Kohut, T., & Fisher, W. A. (2013). The impact of brief exposure to sexually explicit video clips on partnered female clitoral self-stimulation, orgasm and sexual satisfaction. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 22(1), 40-50. doi: 10.1007/s10508-016-0783-6
- Kohut, T., Fisher, W. A., & Campbell, L. (2016). Perceived effects of pornography on the couple relationship: Initial findings of open-ended, participant-informed, “bottom-up” research. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2), 585-602. doi: 10.1007/s10508-016-0783-6
- Lambert, N. M., Negash, S., Stillman, T. F., Olmstead, S. B., & Fincham, F. D. (2012). A love that doesn't last: Pornography consumption and weakened commitment to one's romantic partner. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 31(4), 410-438. doi: 10.1521/jscp.2012.31.4.410
- Lawrance, K. A., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, 2(4), 267-285.
- Leonhardt, N. D., & Willoughby, B. J. (2017). Pornography, provocative sexual media, and their differing associations with multiple aspects of sexual satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*. doi: 10.1177/0265407517739162
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos* (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/977>
- Lopes, A. S. S. P. (2014). Netporn – Implicações no tipo de atitudes sexuais e crenças sobre a violência sexual. *Psique*, 10, 51-90.

- Lucas, C. O. (2011). *Ciúme e satisfação sexual na população portuguesa* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/2731>
- Maddox, A. M., Rhoades, G. K., & Markman, H. J. (2011). Viewing sexually-explicit materials alone or together: Associations with relationship quality. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 441-448. doi: 10.1007/s10508-009-9585-4
- Mann, J., Sidman, J., & Starr, S. (1973). Evaluating social consequences of erotic films: An experimental approach. *Journal of Social Issues*, 29(3), 113-131. doi: 10.1111/j.1540-4560.1973.tb00091.x
- Manning, J. C. (2006). The impact of internet pornography on marriage and the family: A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 13(2-3), 131-165. doi: 10.1080/10720160600870711
- Mattson, R. E., Rogge, R. D., Johnson, M. D., Davidson, E. K. B., & Fincham, F. D. (2013). The positive and negative semantic dimensions of relationship satisfaction. *Personal Relationships*, 20(2), 328-355. doi: 10.1111/j.1475-6811.2012.01412.x
- McNulty, J. K., & Fisher, T. D. (2008). Gender differences in response to sexual expectancies and changes in sexual frequency: A short-term longitudinal study of sexual satisfaction in newly married couples. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 229-240. doi: 10.1007/s10508-007-9176-1
- Minarcik, J., Wetterneck, C. T., & Short, M. B. (2016). The effects of sexually explicit material use on romantic relationship dynamics. *Journal of Behavioral Addictions*, 5(4), 700-707. doi: 10.1556/2006.5.2016.078
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J. M., ... & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 3-27.

- Morgan, E. M. (2011). Associations between young adults' use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction. *The Journal of Sex Research, 48*(6), 520-530. doi: 10.1080/00224499.2010.543960
- Muusses, L. D., Kerkhof, P., & Finkenauer, C. (2015). Internet pornography and relationship quality: A longitudinal study of within and between partner effects of adjustment, sexual satisfaction and sexually explicit internet material among newly-weds. *Computers in Human Behavior, 45*, 77-84. doi: 10.1016/j.chb.2014.11.077
- Newstrom, N. P., & Harris, S. M. (2016). Pornography and couples: What does the research tell us? *Contemporary Family Therapy, 38*(4), 412-423. doi: 10.1007/s10591-016-9396-4
- Pascoal, P. M., Narciso, I. D. S. B., & Pereira, N. M. (2014). What is sexual satisfaction? Thematic analysis of lay people's definitions. *The Journal of Sex Research, 51*(1), 22-30. doi: 10.1080/00224499.2013.815149
- Paul, B., & Shim, J. W. (2008). Gender, sexual affect, and motivations for Internet pornography use. *International Journal of Sexual Health, 20*(3), 187-199. doi: 10.1080/19317610802240154
- Pereira, A., Fávero, M., Barbosa-Ducharne, M. A., Almeida, A. I., & Figueiredo, C. (2015). Comunicação com o/a parceiro/a sexual acerca de preocupações preventivas, auto-eficácia contraceptiva e (in) satisfação sexual. *Análise Psicológica, 33*(2), 195-206. doi: 10.14417/ap.949
- Perry, S. L. (2016). From bad to worse? Pornography consumption, spousal religiosity, gender, and marital quality. *Sociological Forum, 31*(2), 441-464. doi:10.1111/socf.12252
- Perry, S. L. (2017). Does viewing pornography reduce marital quality over time? Evidence from longitudinal data. *Archives of Sexual behavior, 46*(2), 549-559. doi: 10.1007/s10508-016-0770-y
- Perry, S. L., & Davis, J. T. (2017). Are pornography users more likely to experience a romantic breakup? Evidence from longitudinal data. *Sexuality & Culture, 21*(4), 1157-1176. doi: 10.1007/s12119-017-9444-8

- Perry, S. L., & Schleifer, C. (2018). Till porn do us part? A longitudinal examination of pornography use and divorce. *The Journal of Sex Research, 55*(3), 284-296. doi: 10.1080/00224499.2017.1317709
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2009). Adolescents' exposure to sexually explicit internet material and sexual satisfaction: A longitudinal study. *Human Communication Research, 35*(2), 171-194. doi: 10.1111/j.1468-2958.2009.01343.x
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2010). Processes underlying the effects of adolescents' use of sexually explicit internet material: The role of perceived realism. *Communication Research, 37*(3), 375-399. doi: 10.1177/0093650210362464
- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2011). Gender differences in sexual attitudes and behaviors: A review of meta-analytic results and large datasets. *The Journal of Sex Research, 48*(2-3), 149-165. doi: 10.1080/00224499.2011.551851
- Poulsen, F. O., Busby, D. M., & Galovan, A. M. (2013). Pornography use: Who uses it and how it is associated with couple outcomes. *The Journal of Sex Research, 50*(1), 72-83. doi: 10.1080/00224499.2011.648027
- Rasmussen, K. (2016). A historical and empirical review of pornography and romantic relationships: Implications for family researchers. *Journal of Family Theory & Review, 8*(2), 173-191. doi: 10.1111/jftr.12141
- Resch, M. N., & Alderson, K. G. (2014). Female partners of men who use pornography: Are honesty and mutual use associated with relationship satisfaction? *Journal of Sex & Marital Therapy, 40*(5), 410-424. doi: 10.1080/0092623X.2012.751077
- Robinson, B. E., Manthei, R., Scheltema, K., Rich, R., & Koznar, J. (1999). Therapeutic uses of sexually explicit materials in the United States and the Czech and Slovak Republics: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy, 25*(2), 103-119. doi: 10.1080/00926239908403983
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology, 16*(2), 172-186. doi: 10.1016/0022-1031(80)90007-4

- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, *45*(1), 101-117. doi: 10.1037/0022-3514.45.1.101
- Rust, J., & Golombok, S. (1985). The Golombok-Rust Inventory of Sexual Satisfaction (GRISS). *British Journal of Clinical Psychology*, *24*(1), 63-64. doi: 10.1111/j.2044-8260.1985.tb01314.x
- Rust, J., & Golombok, S. (1986). The GRISS: A psychometric instrument for the assessment of sexual dysfunction. *Archives of Sexual Behavior*, *15*(2), 157-165. doi: 10.1007/BF01542223
- Sánchez-Fuentes, M. M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, *14*(1), 67-75. doi: 10.1016/S1697-2600(14)70038-9
- Schmidt, G., & Sigusch, V. (1970). Sex differences in responses to psychosexual stimulation by films and slides. *The Journal of Sex Research*, *6*(4), 268-283.
- Schneider, J. P. (2000). Effects of cybersex addiction on the family: Results of a survey. *Sexual Addiction & Compulsivity*, *7*(1-2), 31-58. doi: 10.1080/10720160008400206
- Short, M. B., Black, L., Smith, A. H., Wetterneck, C. T., & Wells, D. E. (2012). A review of Internet pornography use research: Methodology and content from the past 10 years. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *15*(1), 13-23. doi: 10.1089/cyber.2010.0477
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1986). Sexual scripts: Permanence and change. *Archives of Sexual Behavior*, *15*(2), 97-120. doi:10.1007/BF01542219
- Stack, S., Wasserman, I., & Kern, R. (2004). Adult social bonds and use of internet pornography. *Social Science Quarterly*, *85*(1), 75-88. doi: 10.1111/j.0038-4941.2004.08501006.x

- Staley, C., & Prause, N. (2013). Erotica viewing effects on intimate relationships and self/partner evaluations. *Archives of Sexual Behavior*, *42*(4), 615-624. doi: 10.1007/s10508-012-0034-4
- Stephenson, K. R., & Meston, C. M. (2015). The conditional importance of sex: Exploring the association between sexual well-being and life satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *41*(1), 25-38. doi: 10.1080/0092623X.2013.811450
- Stewart, D. N., & Szymanski, D. M. (2012). Young adult women's reports of their male romantic partner's pornography use as a correlate of their self-esteem, relationship quality, and sexual satisfaction. *Sex Roles*, *67*(5-6), 257-271. doi: 10.1007/s11199-012-0164-0
- Sun, C., Bridges, A., Johnson, J. A., & Ezzell, M. B. (2016). Pornography and the male sexual script: An analysis of consumption and sexual relations. *Archives of Sexual Behavior*, *45*(4), 983-994. doi: 10.1007/s10508-014-0391-2
- Szymanski, D. M., & Stewart-Richardson, D. N. (2014). Psychological, relational, and sexual correlates of pornography use on young adult heterosexual men in romantic relationships. *The Journal of Men's Studies*, *22*(1), 64-82. doi: 10.3149/jms.2201.64
- Szymanski, D. M., Feltman, C. E., & Dunn, T. L. (2015). Male partners' perceived pornography use and women's relational and psychological health: The roles of trust, attitudes, and investment. *Sex Roles*, *73*(5-6), 187-199. doi: 10.1007/s11199-015-0518-5
- Vandenbosch, L., & Eggermont, S. (2012). Understanding sexual objectification: A comprehensive approach toward media exposure and girls' internalization of beauty ideals, self-objectification, and body surveillance. *Journal of Communication*, *62*(5), 869-887. doi: 10.1111/j.1460-2466.2012.01667.x
- Vaughn, M. J., & Baier, M. E. M. (1999). Reliability and validity of the Relationship Assessment Scale. *The American Journal of Family Therapy*, *27*(2), 137-147. doi: 10.1080/019261899262023

- Velten, J., & Margraf, J. (2017). Satisfaction guaranteed? How individual, partner, and relationship factors impact sexual satisfaction within partnerships. *PloS one*, *12*(2), e0172855. doi: 10.1371/journal.pone.0172855
- Vilarinho, S. (2010). *Funcionamento e satisfação sexual feminina: Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspectos biológicos e contextuais* (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/18484>
- Willoughby, B. J., Carroll, J. S., Busby, D. M., & Brown, C. C. (2016). Differences in pornography use among couples: Associations with satisfaction, stability, and relationship processes. *Archives of Sexual Behavior*, *45*(1), 145-158. doi: 10.1007/s10508-015-0562-9
- Willoughby, B. J., Young-Petersen, B., & Leonhardt, N. D. (2018). Exploring Trajectories of Pornography Use Through Adolescence and Emerging Adulthood. *The Journal of Sex Research*, *55*(3), 297-309. doi: 10.1080/00224499.2017.1368977
- Wright, P. J. (2011). Mass media effects on youth sexual behavior assessing the claim for causality. *Annals of the International Communication Association*, *35*(1), 343-385. doi: 10.1080/23808985.2011.11679121
- Wright, P. J., Bridges, A. J., Sun, C., Ezzell, M. B., & Johnson, J. A. (2018). Personal pornography viewing and sexual satisfaction: A quadratic analysis. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *44*(3), 308-315. doi: 10.1080/0092623X.2017.1377131
- Wright, P. J., Sun, C., Steffen, N. J., & Tokunaga, R. S. (2017). Associative pathways between pornography consumption and reduced sexual satisfaction. *Sexual and Relationship Therapy*. doi: 10.1080/14681994.2017.1323076
- Wright, P. J., Tokunaga, R. S., Kraus, A., & Klann, E. (2017). Pornography consumption and satisfaction: A meta-analysis. *Human Communication Research*, *43*(3), 315-343. doi: 10.1111/hcre.12108

- Yucel, D., & Gassanov, M. A. (2010). Exploring actor and partner correlates of sexual satisfaction among married couples. *Social Science Research, 39*(5), 725-738. doi: 10.1016/j.ssresearch.2009.09.002
- Zillmann, D., & Bryant, J. (1988a). Effects of prolonged consumption of pornography on family values. *Journal of Family Issues, 9*(4), 518-544. doi: 10.1177/019251388009004006
- Zillmann, D., & Bryant, J. (1988b). Pornography's impact on sexual satisfaction. *Journal of Applied Social Psychology, 18*(5), 438-453. doi: 10.1111/j.1559-1816.1988.tb00027.x
- Zitzman, S. T., & Butler, M. H. (2009). Wives' experience of husbands' pornography use and concomitant deception as an attachment threat in the adult pair-bond relationship. *Sexual Addiction & Compulsivity, 16*(3), 210-240. doi: 10.1080/10720160903202679
- Zurbriggen, E. L., Ramsey, L. R., & Jaworski, B. K. (2011). Self-and partner-objectification in romantic relationships: Associations with media consumption and relationship satisfaction. *Sex Roles, 64*(7-8), 449-462. doi: 10.1007/s11199-011-9933-4